



Instituto Politécnico de Tomar

Escola Superior de Tecnologia de Tomar

Torres Novas

Relatório de Estágio

Vera Mónica Gonçalves Gomes

Mestrado em Fotografia

Fotografia Aplicada

Tomar/Novembro/2014





Instituto Politécnico de Tomar

Escola Superior de Tecnologia de Tomar

Vera Mónica Gonçalves Gomes

Torres Novas

Relatório de Estágio

Orientada por:

Professor Nuno Faria

Escola Superior de Tecnologia de Tomar

Projeto apresentado ao Instituto Politécnico de Tomar

para cumprimentos dos requisitos necessários à

obtenção do grau de Mestre em Fotografia

Dedico este trabalho aos meus Pais:

À minha Mãe por todas as chamadas de atenção e puxões de orelhas,
mas sobretudo pela paciência e motivação;

Ao meu querido Pai, que mesmo com a sua instável saúde,
esteve sempre disponível e presente em todos os momentos e nunca deixou de acreditar
que tudo era possível.

RESUMO

Torres Novas é uma cidade localizada na zona centro de Portugal, onde os seus ares serranos são puros, as suas águas cristalinas e onde a vila transpira história saberes e costumes. Pode se dizer que quase toda a história do nosso país passou por esta linda cidade.

Atualmente é uma cidade pouco desenvolvida turisticamente, apesar de deter um vasto Património Monumental, Cultural e também Natural.

Encontra-se bem situada geograficamente, com um clima acolhedor, gentes simpáticas e hospitaleiras, bons monumentos e bons acessos a locais naturais. Em contrapartida carece de locais preparados para receber turistas, pessoas, guias disponíveis e qualificados, e de meios informativos atuais e versáteis.

Analisando estas características que dificultam a adesão do público alvo ao concelho, que se foca sobretudo, em fracos recursos promocionais, juntamente com algumas condicionantes que se traduzem na insuficiência do investimento, o fraco desenvolvimento dos meios naturais e ainda, dificuldades de acesso á cidade e também na boa gestão das rotas preparadas para evidenciar todos os recantos visitáveis.

Idealizou-se a criação de um conjunto de imagens significativas do concelho de Torres Novas que após uma linha condutora entre as imagens escolhidas, irão fazer parte de uma exposição sobre Torres Novas na perspectiva de um cidadão, de maneira a cativar e expôr a cidade numa visão pessoal e sensorial. Não será esta a melhor forma de mostrar aos outros o sitio onde vivemos e crescemos?!, retratando um realidade com um grande teor de emoções, contrastes, dualidades e veracidade.

Com a finalidade de se construir algo útil e capaz de atingir os fins pretendidos, constitui-se um estágio com a Câmara de Torres Novas onde se fortaleceu as bases e onde os caminhos do projeto se foram desenvolvendo até se chegar ao produto pretendido.

Palavras-Chave: História, Monumentos, Natureza, Descobrir, Explorar.

ABSTRACT

Torres Novas is a city located in the center zone of Portugal, where the sierra air is pure, it's waters are crystalline and the village sweats with history and costumes. It can be said the almost the entirety of our country's story has gone through this beautiful city. Nowadays it's an underdeveloped city in a tourist point of view, even though it has a vast Monumental, Cultural and Natural Patrimony.

Well situated geographically, with a cozy climate, friendly and welcoming people, beautiful monuments, good accesses and natural sites, but on the other hand it lacks the infrastructure to receive tourists, available qualified personal guides and up to date, versatile information media.

After analyzing these characteristics which hinder the target audience's adhesion to the county such as weak promotional resources directed to the consumers, along with some constraints which translate to an investment insufficiency, the low development of the natural mediums, the lack of transports and route panning to highlight all the sites of visiting interest.

We idealized the creation of a set of meaningful pictures of Torres Novas' county which after a conductive line in between the chosen pictures will make part of a "pictures book guide" in a city's habitant point of view with the objective of exposing the city and captivating the tourists. Is this not the best way to show others the place where we lived and grew?! Portraying a reality with heavy emotional content, contrasts, dualities and truthfulness.

With the purpose to build something useful and able to achieve the intended end, a partnership with Torres Novas' town hall was built, where the bases were strengthened and some of this project's milestones were developed until the intended product was finished.

Keywords: History, Monuments, Nature, Discover, Explore.

AGRADECIMENTOS

Antes de mais queria agradecer à minha família, em especial atenção ao meu primo Carlos General, tantas foram as vezes que me chamou de “turista” que a paixão pela fotografia acabou por florescer.

Agradeço ao Professor Nuno Faria, que sempre esteve disponível para esclarecer quaisquer dúvidas e encontrar soluções, sempre com novos caminhos por serem abordados. Obrigada por toda a orientação prestada.

Ao Eng.º António Ferreira que se disponibilizou para ser o coordenador deste projeto. Mesmo tendo as nossas divergências, possibilitou-me a visão de um responsável de turismo. O conhecimento de novos locais e o contacto com o público de determinadas zonas rurais do concelho de Torres Novas.

Desta forma, deixo também um obrigada às minhas colegas de trabalho que sempre estiveram presentes em meu auxílio e esclarecimento de dúvidas.

Devo agradecer ao espeleólogo João Paulo Fernandes pelas saídas de campo realizadas, e que comigo partilhou algum do seu saber , assim como as suas grandes histórias de vida.

Ao professor Valter Ventura pela ajuda, pela conversa e dicas fundamentais.

Ao senhor Luís por toda a ajuda prestada na criação dos livros, obrigada pela paciência.

Por fim, um grande obrigada a todos os meus amigos que nunca me deixaram baixar os braços, mesmo quando o céu estava coberto de nuvens e tempestades.

Obrigada Hélder!

Índice

Índice de Tabelas	xvi
Introdução	1
CAPÍTULO I – Análise e Recolha de material informativo e histórico do concelho de Torres Novas.....	5
1.1- Contextos Históricos	7
1.1.1- A origem de Torres Novas.....	7
1.2- Património Monumental	13
1.2.1- Castelo de Torres Novas.....	13
1.2.3- Ruínas de Villa Cardilio	15
1.2.4- Grutas das Lapas	17
1.2.5- Moinhos da Pena.....	18
1.2.6- Monumento Religiosos	19
1.2.7- Museu Carlos Reis.....	21
1.2.8- Museu Agrícola dos Riachos	22
1.2.9- Casa Memorial Humberto Delgado	23
1.3-Património Natural.....	23
1.3.1- Paúl do Boquilobo.....	23
1.3.2- Rio Almonda.....	24
1.3.3- Mochão das Ribeiras.....	25
1.3.4- Ribeira da Beselga e seus trilhos	26
1.3.5- Parque Natural das Serras d’Aire e Candeeiros.....	27
1.3.6- Monumento Natural das Pegadas dos Dinossauros	28
CAPÍTULO II – Levantamento e mapeamento do concelho de Torres Novas.....	31
2.1- Definições dos limites de trabalho.....	33
2.1.1- Introdução ao panorama de Torres Novas no campo do turismo	33
2.1.2- Primeiros contactos com o campo de trabalho.....	36
2.2- Estágio no Departamento de Turismo da Câmara Municipal de Torres Novas	39
2.2.1- Fase 1: Levantamento do material existente no arquivo	46
2.2.2- Fase 2: Mapeamento do concelho	47
CAPITULO III- Caminhos seguidos para a elaboração do projeto.....	59
3.1- Caminhos abordados no âmbito do estágio e metodologias no projeto Torres Novas	61
3.1.1- “Inspira-te à descoberta” - Torres Novas como fonte de inspiração.....	62

3.1.2- Por Terras de Almonda.....	64
CAPITULO IV- Procedimentos e metodologias abordadas paordo fotográfico.....	69
4.1- Caminho abordado no âmbito da finalização do projeto Torres Novas, como a metodologia abordada.....	71
Conclusão.....	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	81
Anexos.....	83

Índice de Figuras

Figura 1 – Planta do Castelo de Torres Novas e sua Cerca de Artur Gonçalves.....	8
Figura 2- - Vista panorâmica do castelo e zonas envolventes, arquivo fotográfico número CMTN_AHMTN_ARQFOT_133.....	15
Figura 3- Planta da área escavada de Villa Cardilio.....	16
Figura 4- Entrada principal das Grutas das Lapas, arquivo fotográfico número CMTN_AHMTN_ARQFOT_502.....	17
Figura 5- - Rio Almonda e umas das suas tarambolas, arquivo fotográfico número CMTN_AHMTN_ARQFOT_1370.....	24
Figura 6- Freguesias de Torres Novas.....	34
Figura 7- Resultado do inquérito.....	38
Figura 8- Dados estatísticos dos monumentos mais visitados no concelho de Torres Novas.	42
Figura 9- Mapa do concelho de Torres Novas.	48

Índice de Tabelas

Tabela 1- Património Material	43
Tabela 2- Património Imaterial.	44

Introdução

A fotografia traduz-se na criação de imagens por meio de uma exposição deliberada a luz, “Desenhar através da Luz”, que em contacto com uma superfície sensível reage a mesma, transformando aquilo que vemos em algo palpável e físico.

A cada dia que passa, a imagem assume um lugar de destaque e uma grande importância na sociedade atual, não só porque hoje em dia é usada como diversos meios de publicidades, divulgação, informação, investigação, mas também como forma de Arte e suporte para outras finalidades.

Em qualquer local da esfera mundial temos acesso a uma variedade de assuntos através da captação de imagens, geradas com os aplicativos que reconhecem as fotografias e as processam de forma a proporcionar o maior número de informação envolto das mesmas.

Nos tempos de hoje, podemos afirmar que deixou o seu carácter de recordação familiar, memórias de lugares, para se transformar num postal turístico e cartão-de-visita para inúmeras áreas e em alguns casos, num excesso de notícias supérfluas.

Quando aliamos a fotografia ao mundo da publicidade no âmbito do turismo, esta tem que acartar em si todo o poder de argumentação, revelar o conceito e a ideia do produto, e por fim, despontar o interesse nele.

Pegando na capacidade que a fotografia tem de criar o desejo no olhar do observador, influenciando-o a consumir o tipo de produto vendido, pensou-se em criar um Caderno de Bordo Fotográfico que fomentasse a ambição de através dele, conhecer, mostrar e publicitar a cidade de Torres Novas, de forma a esta se poder salientar e evidenciar no mercado turístico da Região Centro e Vale do Tejo.

Não querendo ser um simples registo realista confinado aos espaços materiais que a cidade possui como o seu quotidiano, pretende-se criar imagens que possam transpor a barreira do real para um mundo sensorial que cada um poderá atingir quando olhar para

uma fotografia em contraste com o sentimento que obtido nesse mesmo lugar, paralelamente com pequenos objetos recolhidos no mesmo.

Dessa forma, a imagem irá construir inúmeras associações e leituras em contacto com as sensibilidades adquiridas pela sua presença, sem que seja necessário o auxílio de um texto descritivo do que se observa.

Para que este projeto tivesse uma base mais sólida procurou-se criar sinergias junto das principais atividades entidades.

Foi deste modo contactada a Câmara Municipal de Torres Novas, onde foi esclarecido o teor do trabalho, os fins a que se destina, para que próximo do Departamento de Turismo criássemos um conjunto de trabalhos a realizar.

Das reuniões que foram acontecendo estabeleceu-se um período de trabalho traduzido para um estágio, de duração de oito meses iniciado em Novembro com a sua conclusão em Junho.

Na planificação do estágio, foi determinado um conjunto de ações que se basearam num levantamento do que existia nos arquivos do Gabinete de Turismo e no Gabinete de Comunicação, Audiovisuais e Imagem para que juntos se criasse uma plataforma digital de acesso direto, sem quaisquer condicionantes burocráticos entre os dois gabinetes.

Tendo em vista os objetivos acima descritos, foram levados a cabo um conjunto de etapas para serem seguidas no plano de estágio:

- pesquisa e organização do material existente;
- levantamento do material em falta;
- criação de uma plataforma de pesquisa;
- elaboração de um possível protótipo de guia sobre Torres Novas.

Estas etapas foram aliadas à estruturação dos caminhos idealizados na organização do trabalho estabelecido para o projeto, que se define da seguinte maneira:

CAPÍTULO I – Análise e Recolha de material informativo e histórico do concelho de Torres Novas, para poder reunir o maior número de informações referentes aos antepassados da cidade de forma a definir os seus principais aspetos de interesse.

CAPÍTULO II – Levantamento e mapeamento do concelho de Torres Novas. Definir as áreas de trabalho e criar grupos, como linear e limitar os caminhos a seguir.

CAPÍTULO III- Caminhos seguidos para a elaboração do projeto estágio. Focagem nos principais aspetos da cidade, rio Almonda, presença da imagem da Serra de Aire e Candeeiros em todo o seu ângulo de visão e os principais monumentos existentes.

CAPÍTULO IV- Procedimentos e metodologias abordadas para a conclusão do projeto Torres Novas. Neste capítulo será explicado a trajetória de todo o percurso fotográfico, como também a escolha do objeto final.

Neste trabalho, estão expostas a maior parte das imagens captadas, ao longo dos oito meses de estágio nos seus diversos suportes. Dessa forma, é possível realizar uma análise visual da evolução que foi sofrendo ao longo do tempo em confronto ao que será apresentado.

Em simultâneo na parte final do trabalho constará um secção referente às bibliografias consultadas, para a elaboração deste documento.

**CAPÍTULO I – Análise e Recolha de material informativo
e histórico do concelho de Torres Novas.**

1.1- Contextos Históricos

1.1.1- A origem de Torres Novas

Até aos dias de hoje, a origem de Torres Novas, traduz-se num místico conto de conquistas e guerras, onde a ficção se mistura com as lendas, numa história envolta de segredos e fantasias.

Reza a lenda que:

[1] “Ulisses, açoitado por violenta tempestade, entre na barra do aurífero Tejo e, pouco além, funda a cidade que dele tomou nome de Ulíssipo, mais tarde Olísipo (1215 a. C.), curtos anos volvidos, alguns de seus companheiros, em busca talvez de novas aventuras, sobem o Tejo e tomam pelo Almonda até que encontrando junto á margem direita do cristalino rio um pequeno mas penhascoso e quase inacessível monte dominante de viçosa e ridente planície, consideram azado terreno para se instalarem, pelo que aqui edificaram uma forte torre, cercada de muralhas, que denominam Neupergama, que o mesmo quer dizer Nova Torre.”

(Padre Inácio da Piedade e Vasconcelos, em memórias dos párocos)

Dos poucos documentos que pudemos analisar na Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes, é visível uma monografia que atesta a conquista da cidade em 164 a. C. pelos Romanos ao povo Grego.

Outrora, Torres Novas encontrava-se em constante linha de fogo, conquistada e reconquistada pelo povo Romano que, debatendo-se com o povo Grego em grandes lutas e batalhas, devastaram todo o concelho, acabando sempre por ter como principal domínio, o Castelo, símbolo da cidade.

Em tempos remotos, diz-se que num cabeço de uma colina, foi edificado pelos Gregos uma torre que servia de vigia, a que lhe deram o nome de Nova Torre.

Aquando da presença dos Romanos por terras de Torres Novas, essa mesma torre veio a ser destruída e totalmente queimada. Muito tempo após a sua queda, voltou de novo a ser conquistada pelos Gregos que tomaram de assalto a cidade e a recuperaram ao povo

Diversos autores escreveram nos seus manuscritos que a origem desta antiga vila remonta aos Celtas, em meados de 308 a. C., tendo por base achados e vestígios de diversos povos junto da fortaleza que alegam parcialmente a veracidade desta teoria. [12]

Esses mesmos autores asseguram que em 233 a. C. os Celtas foram expulsos pelos Cartagineses, cujo império não permaneceu por muito tempo, porque em 206 a.C. os Romanos conquistaram vários territórios lusos até chegar a Torres Novas.

Em síntese, no centro da vila não ficaram vestígios de construção ou de vilas romanas, nem se pode alegar que o castelo, vítima de grandes destruições e reconstruções seja uma obra romana. Os achados arqueológicos encontrados, como vasos, loiças, pequenos frascos e alguns metais não podem confirmar a exata existência desses povoados nos locais próximos do castelo.

É na parte norte do concelho que encontramos os principais sinais dessa ocupação Romana, onde se descobriram moedas com inscrições como: NERVS CLAVDIVS AVGVSTVS, tendo em reverso CONCORDIARVCI. Outras possuem pequenas gravações de figuras onde está representada a cidade de Concórdia armada com bastões e com um globo.

Também se recuperaram colunas e pórticos, placas de pedras pintadas, vasos e pequenos frascos e até mesmo canos em chumbo pelos quais a água ia de uma fonte da aldeia de Carvalhal do Pombo até a vila de Beselga [1] .

Uma estátua foi encontrada com pequenos letreiros que diziam: “memória consagrada à deusa da Fortuna, Sabina Romana viveu cinquenta anos”. Várias construções antigas possuem um cariz Romano.

Em documentos analisados, defende-se que uma das principais colónias dos Romanos na Lusitânia, a bela e misteriosa cidade de Concórdia - está localizada, atualmente, na freguesia de Assentiz, na aldeia de Beselga.

Não se encontra nenhum documento que ateste esta informação, nem que realmente seja naquele preciso local que existiu tal vila, mas com base nas construções lá encontradas pode-se assegurar com clareza a localização de uma vila romana naquele local.

[1] “A cidade de Concórdia tinha o seu assento um tiro de espingarda do lugar de Assentiz do Longo no termo desta vila de Torres Novas, distante dela légua e meia ou perto de duas, onde hoje compreende a freguesia da paroquial igreja de Sant’Lago. Foi esta a cidade fundada pelos romanos, trazendo da cidade de Concórdia da Itália os povoadores. Corria esta cidade até á ribeira que chamam de Beselga, que, nascendo em um serra junto á vila de Ourém, vem banhando os vestígios desta cidade até se meter no rio Nabão. Vêem-se ainda os campos semeados de telheira, pedregulho, isto é , pedras dos edifícios, e quanto mais se cava mais se descobre, achando-se colunas com bases romanas, cavernas subterrâneas e estribadas sobre arcos subterrâneos de tijolos abetumados”

(Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira, Vol.32 capitulo TOMAR-TRIS)

Outro dos principais fatores de ligação entre Assentiz e Concórdia foi uma necrópole descoberta no Séc. XVII, que permitiu conhecer melhor a lenda de Concórdia. Ao explorar esta necrópole , dois dos túmulos continham dois marcos identificativos, Santa Catarina e Santo Estevão, como alguns objetos de pequenos valores que os identificavam.

A população local ligou esse achado aos Mártires de Concórdia- S. Donato e seus oitenta mártires entre eles, Catarina, Estevão Rómulo, Secundino, etc.

Uma diligência foi feita em meados de 1659 pela Santíssima Trindade para se tentar compreender esses achados e averiguar os corpos encontrados e os objetos por lá deixados. A retirada dos cadáveres causou grande impacto tendo sido descobertas muitas moedas em ouro e outras peças valiosas.

Por naquele local se ter criado um culto, a população tentou reprimir e impedir quem de lá tirassem os “seus santos”.

A verdade é que estas informações nunca chegaram a ser comprovadas.

O que podemos assegurar com certeza é que a cedência do foral por D. Sancho I a Torres Novas se encaixa na dinâmica da reconquista e povoamento do território português no final do século XII, e se enquadra concretamente na preocupação dos nossos primeiros reis em defender e estabilizar a linha defensiva do Tejo perante os ataques muçulmanos.

Na década de quarenta do século XII, D. Afonso Henriques em paralelo com a evolução da política da independência de Portugal pela Santa Sé, lança-se em grandes conquistas a sul do Mondego e faz avançar a fronteira até à linha do Tejo^[3] .

Em 1147 apodera-se de Santarém e Lisboa que constituem as praças mais fortes e mais importantes desta zona do território, seguindo-se a estas, a queda das fortalezas de Sintra, Torres Vedras e Óbidos, situadas entre Santarém e a zona costeira com o Atlântico. A partir daqui fronteiras entre criações e muçulmanos estabilizam-se ao longo do rio Tejo durante quase meio século.

Já quase no final do século XII, os Almóadas executaram aquele que seria o último esforço muçulmano importante para os expulsar, cercando Santarém em 1184.

D. Sancho I, auxiliado por Fernando II de Leão, obriga-os a retirarem-se para o Alentejo e em 1189 com o auxílio de uma frota de cruzados que fizera escala em Lisboa reconquista Silves.

Como vingança, o califa Al-Mansur decidiu, não só reconquistar Silves (1190-91), mas como também se dirigiu para norte deixando uma vaga de destruição, por onde passava desde a estremadura até Torres Novas no final de passar o Tejo.

Em 1190 D. Sancho I reconquista Torres Novas e apressa-se a conceder o foral em Outubro desse ano. Nesse nasce Torres Novas, um concelho do território português.

Mas muito antes dos tempos das conquistas e das cruzadas, podemos remontar a história de Torres Novas até ao berço da civilização.

Grandes achados arqueológicos foram descobertos e descritos em textos redigidos por padres que eram enviados para a cidade de Torres Novas pela diocese de Lisboa.

Nessas memórias transcritas para as Memórias Paroquiais, podemos ler que em 1758 surgem os primeiros achados pré-históricos, embora a grande intervenção arqueológica remonte para 1908 liderada por Manuel Heleno, que dá a descobrir uma das mais importantes necrópole de todo o concelho localizada em Lapa^[1] . Nessa mesma, foram recuperados importantes vasos de cerâmica, outros objetos do mesmo material e material lítico variado.

Com a análise destes achados, conclui-se que os mesmos pertenciam ao período Neolítico caracterizado, entre outros aspetos, pela descoberta do princípio da roda, inovação da olaria, aparecimento da cestaria e tecelagem, e sobretudo, pela utilização de machados com pedra polida.

Outra das principais características da civilização neolítica era o culto dos materiais. Os povos agrupavam-se junto dos recursos naturais, abandonando-os somente quando estes se esgotavam. Esta particularidade ganhou mais impacto pelo facto de Lapa ser uma aldeia muito rica em recursos naturais, possuindo uma boa localização, um vasto caudal de rio e bons campos de cultivo.

Por todo o concelho de Torres Novas é possível que ainda existam imensos vestígios não só do período Neolítico acima descrito, mas também do Paleolítico Inferior, Médio e Superior, tendo já sido descoberto junto das margens do rio Almonda um dos objetos mais identificativo do concelho: uma “biface” completamente intacta, entre outros objetos de igual valor histórico ^[5,6] .

O Calcolítico não podia deixar de ter presença neste concelho, com muitos objetos de adornos achados na Buraca da Moura, Lapa da Bugalheira e na Gruta do Almonda.

Mais vestígios de outros diversos períodos foram encontrados à medida que se prosseguiam as escavações que atestam que todo o concelho é um importante marco arqueológico histórico.

1.2- Património Monumental

1.2.1- Castelo de Torres Novas

É de épocas bem medievais que se conheceram as construções chamadas de Castelos, fortificações que pretendiam defender as terras de sua alteza. Locais que pretendiam ser mais do que uma moradia feudal, mas dar guarnida aos habitantes em perigo dos vários ataques inimigos.

Nas suas planificações, existia sempre uma torre principal, intitulada de torre de menagem, torre maciça construída em princípio numa eminência natural ou artificial, que seria a torre mais alta e onde seria feita a vigia de todo o território envolto.

Em volta da mesma, construíam longas muralhas que circundavam todo o seu campo edificado, cercando e criando uma zona de difícil acesso a que vinha de fora. Essa mesma cerca tinha uma espessura razoável, que variava conforme as tipologias e as zonas mais íngremes. No geral, todas elas tinham sempre uma cave ou fosso, para colocar os inimigos capturados e numa versão mais fantasiosa, também serviam de passagens secretas e subterrâneas que facilitavam as fugas.

Nas suas muralhas construíam passeios estreitos, onde os homens de guarda se encontravam juntos das pequenas aberturas chamadas de seteiras, que não eram nada mais que frechas com inclinação, de onde saiam setas envoltas de diversos matérias como por exemplo: azeite a ferver, chumbo fundido e matérias em fogo ou qualquer outro tipo de projétil [10] .

No caso do castelo de Torres Novas, vemos essa mesma torre de vigia, a que é a mais alta, imponente e com maior dificuldade de acesso, transformada em miradouro sobre o rio.

No início, pudemos constatar que as muralhas delineavam o castelo e que, posteriormente às suas conquistas e reconquistas, se estenderam até à vila, protegendo e abrigo a população que à sua volta germinava.

Nos manuscritos é notória a existência de uma única torre edificada no cume do monte junto ao rio Almonda. Reza a lenda que se atribuí aos gregos comandados por

Ulisses em 1215 a. C. a sua origem, dando assim o nome de Neupergama, mas que a história quer que seja devida aos celtas em 308 a. C.

Nas constantes invasões, essa torre era destruída, reconstruída e modificada inúmeras vezes. Quando foi conquistada pelos bárbaros aos romanos no ano de 406, esta já não tinha só uma torre, mas possuía onze torres ligadas entre si por fortes muralhas.

No reinado de D. Sancho I sofreu um dos atentados mais violentos que dizimaram uma parte integral o castelo.

[14] “ É esta vila de Torres Novas, fortificada com um antigo castelo que em um alto, sobre penha viva mandou reedificar el-rei D. Sancho I, com onze altas torres, feito tudo de grossa pedra e cal com seu fosso e contra- muralha, isto é, um murro de reforço formando adarve, ameias, vigias e com uma praça de armas bastante a conter dentro dos dois regimentos. É terraplenada e as torres por fora com a sua escarpa, pela parte do norte que, olha para o rio fica quase a prumo e para aqueles tempos, em que não havia artilharia, parecia inexpugnável”

No interior do castelo mantiveram as casas, neste caso, uma casa de residência para o alcaide-mor, e algumas espalhadas um pouco por todo o perímetro, que serviam de guarida para os soldados encarregues de guardar o castelo.

Desde 1835 que o interior do castelo tem sido palco do cemitério municipal. Tendo sido vítima de maus usos por parte de algumas entidades governamentais, parte da zona envolvente da muralha foi destruída e dizimada, não restando quaisquer vestígios.

Em 16 de Junho de 1910 conforme consta no folheto de Monumentos Nacionais, o castelo foi classificado como monumento nacional.

Atualmente, o Castelo encontra-se recuperado e as suas torres sofreram algumas modificações de forma a poderem servir de miradouros para os visitantes disfrutar das belíssimas vistas sobre toda a cidade. No recinto encontra-se um amplo e cuidado jardim, com percursos delineados propícios a atividades de lazer.



Figura 2- - Vista panorâmica do castelo e zonas envolventes, arquivo fotográfico número CMTN_AHMTN_ARQFOT_133.

1.2.3- Ruínas de Villa Cardilio

Localizada a aproximadamente a 2km da cidade, a antiga Villa Romana constitui um dos indícios fundamentais da presença romana do nosso concelho.

Villa Cardilio começou a ser investigada em 1963, por ser uma área muito importante do ponto de vista arqueológico, foi alvo de muitas escavações realizadas ao longo dos tempo por equipas especialistas em arqueologia e historiadores.

No local onde antigamente existia uma pedreira, foi descoberta uma antiga vila romana, onde são visíveis os alicerces de zonas termas, cujas bases e colunas seriam os elementos das suas principais entradas.

Pelo tipologia encontrada, parece tratar-se de uma casa de campo, mas nada prova que na realidade o seja, visto que ainda há muito para explorar.

As zonas que ainda hoje permanecem visíveis correspondem à zona termal, com um tanque pouco profundo, um pátio que contém um poço raso e um passadiço cheio de colunas.

No piso superior, podemos encontrar uma sala de formato quadrangular com o seu piso coberto por um mosaico de pequenas pedras coloridas, formando algumas imagens que parecem retratar motivos agrícolas e, possivelmente, o retrato dos donos da casa com uma inscrição que diz: ^[8] “Viventes Cardilium et Avitam felix Turre” (Que Cardilio e Avita sejam felizes na sua Villa da Torre).

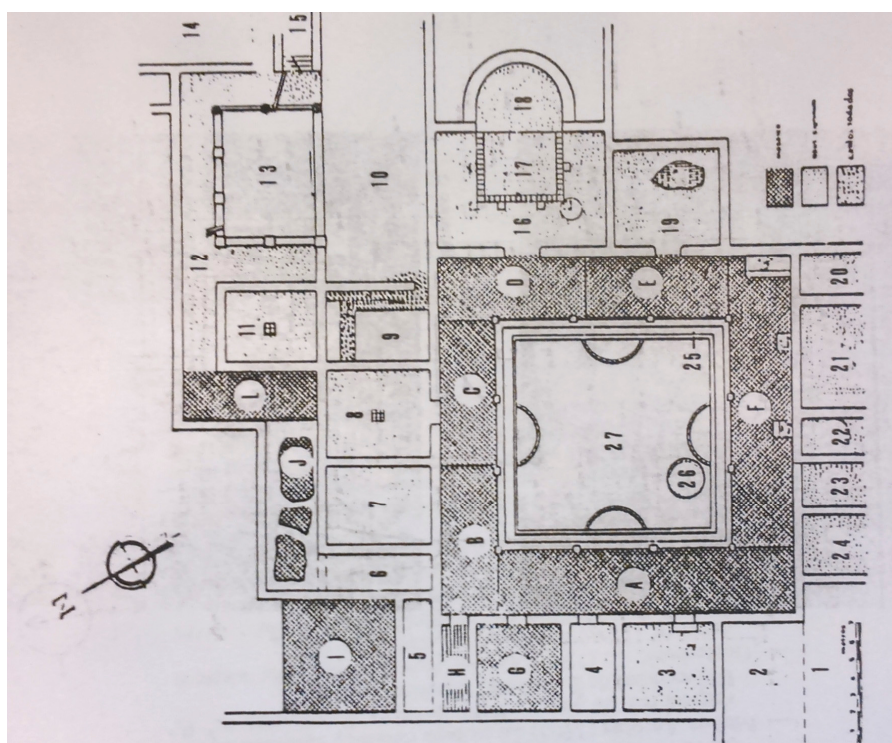


Figura 3- Planta da área escavada de Villa Cardilio.

No pequeno pátio que podemos visualizar, encontramos uma zona destinada a um jardim com ligação às outras partes da casa. Outra das hipóteses que sustenta esta teoria traduz-se no caminho trilhado de mosaicos e com um vasto leque de colunas que poderia ser outra entrada para a casa.

Para além da tipologia, muitos outros objetos foram encontrados nesta estância arqueológica, como vidrinhos, alguns metais e uma estátua de Eros no século Id. C. e que hoje se encontra em exposição no Museu Municipal.

1.2.4- Grutas das Lapas

As Grutas das Lapas são caves subterrâneas artificiais constituídas por túneis e pequenas zonas labirínticas, provavelmente as maiores do país. Encontram-se a dois quilómetros de distância da cidade, na antiga freguesia de Lapas, uma aldeia tipicamente portuguesa, com as suas ruas estreitas, vasos floridos junto das portas das casas e com as suas gentes simpáticas e acolhedoras.

A aldeia deve o seu nome à palavra “lapa” que é precisamente a designação de gruta. Na localidade existem várias lapas, contudo apenas uma se encontra explorada. Esta percorre uma vasta área da aldeia, não se podendo atestar com certeza a sua funcionalidade. Pensa-se que poderá ter sido escavada para os cristãos se esconderem dos romanos, mas o mais provável é ter sido explorada para se retirar o tufo que ainda se pode ver em algumas casas mais antigas e degradadas [17]. Há também quem alegue que parte das reconstruções do castelo se fizeram com o precioso material extraído das suas galerias.



Figura 4- Entrada principal das Grutas das Lapas, arquivo fotográfico número CMTN_AHMTN_ARQFOT_502.

O tufo calcário é uma rocha originada a partir de sedimentos orgânicos, como raízes, folhas e pequenos troncos que, em contacto com água durante um longo período de tempo, cria uma massa de carbonato de cálcio endurecida posteriormente.

Não são o tipo tradicional de grutas, que normalmente apresentam características calcárias com cursos de águas de diversos caudais. Talvez por isso, estejam constantemente associadas às lendas e mitos que acompanharam por longos períodos de tempo a memória das pessoas.

1.2.5- Moinhos da Pena

A nordeste do município e sobre a linha da Serra d Aire, podemos avistar um trilho de moinhos de vento que embeleza toda a paisagem natural ao longo do sopé da serra e do vale.

Este agrupado de moinhos de vento situa-se na Pena, daí serem apelidados de Moinhos da Pena. Possuem uma tipologia simples e tradicional, uma base sólida em forma de cilindro e uma capelo, nome atribuído ao “telhado” que cobre o teto dos moinhos. Nele é visível com grande esplendor o catavento em forma de cruz com quatro grandes panos^[13]

Estes moinhos eram utilizados especificamente para a moagem de cereais até os anos 70. Aproveitando as características do local, os seus donos procediam a moagem através da fricção dos grãos de cereal contra a mó que se encontrava no interior do moinho e, assim, os transformava em farinha. Visto que o pão estava na base da cadeia alimentar do povo, esta lavora fazia parte da cultura local.

No conjunto dos doze moinhos que esta zona tem, podemos ver que alguns se encontram abandonados, outros a serem recuperados e três deles já prontos a serem habitados.

A câmara municipal da cidade com alguns apoios externos, aliou-se aos proprietários dos moinhos para promover o turismo de habitação nesta zona, transformando, deste modo, os antigos moinhos em habitações rurais.

1.2.6- Monumento Religiosos

Podemos afirmar que o concelho, situa-se junto de uma linha de culto religioso, ganhando terreno com a sua aproximação da cidade de Fátima, principal local nacional de culto religioso.

Como qualquer antiga cidade, Torres Novas também tem o seu culto religioso e prova disso são as sete Igrejas e três capelas que se encontram no seu interior. Para além disso em cada uma das atuais dez freguesias existem nove igrejas e cinco capelas.

Poucos são os documentos existentes e claros sobre a origem dessas igrejas e capelas um pouco por todo o concelho e que dificultam a análise individual de cada uma.

Desta forma, serão apenas referenciadas as principais Igrejas com interesse turístico.

1.2.6.1- Igreja de Salvador

Está edificada no antigo limite da cerca e é das mais antigas igrejas de vila; pensa-se que a primeira fase da sua construção remonta os anos de 660 a 715.

Na sua estrutura tipológica, considera-se uma igreja de estilo gótico, tendo este sido gradualmente alterado aos longos dos tempos. Inicialmente tinha três naves, um alpendre e uma roseta por onde entrava toda a luz para o seu interior.

Foi considerada Imóvel Público em 2002, passando a fazer parte de um plano de estruturação e melhoramento. Hoje tem só uma nave central, uma vara para além da zona do alpendre. Todo o seu teto foi emadeirado, não deixando à vista a sua estrutura arqueada. Para além destas mudanças, foi construída uma torre alta para a colocação dos sinos. No

interior, podemos destacar o altar e as suas laterais com os vistosos retábulos em talha dourada e o revestimento das paredes em azulejos seiscentistas.

É uma igreja que continua no ativo da vida religiosa.

1.2.6.2- Igreja da Santiago

Reza a lenda que D. Afonso Henriques, depois de ter estado frente a frente com a morte, visualizou a imagem do Santiago, mandando edificar um templo em sua homenagem em 1148.

[2] “ Senhor, não há coisa mais natural nos vassallos, que o desejarem a vida, e saúde aos seus Príncipes, e sendo-o Vossa Alteza tão perfeito, que cabalmente desempenha aquelas Régias obrigações, em que o constituíram o Céu, e a natureza, tem sem dúvida os corações para estes bem-nascidos desejos em um Príncipe tão benemérito motivos duplicados. Singularizou Vossa Alteza em mim este universal empenho de todo o reino, quando por especialíssima dignação da Sua Real Grandeza me concedeu a mercê de Ser Padrinho de dois filhos meus (...): e vinculadas estas razões da minha particular obrigação às da minha fidelidade, fizeram no meu coração mais veemente impulso, com que apenas tive a infausta notícia da perigosa enfermidade de Vossa Alteza, recorri com Fé viva à Milagrosa Imagem do Senhor JESUS de Santiago desta Vila, conhecido Propiciatório a semelhantes aflições; pedindo-lhe com íntimos suspiros de alma a conservação da importante vida de Vossa Alteza, julgando infalível o benefício, tanto que animei o voto; porque afiançava na digníssima Pessoa de Vossa Alteza para o despacho daquele merecimento, que em mim não reconhecia.”

Em meados de 1203, D. Sancho I mandou modificá-la, alterando algumas das suas características, mas foi mesmo em 1755 com o terramoto que o edifício sofreu um grande abalo, tendo de ser reconstruído quase de raiz.

Nos tempos de hoje, destaca-se a única nave envolta de um teto de madeira corrida até à zona do altar, onde encontramos, sobre ela, uma cúpula coberta de talha dourada e duas imagens embutidas na parede no suporte de azulejos alusivos ao tema. Para além

disso, tem quatro capelas, uma delas referentes ao Senhor Jesus dos Lavradores, um santo encontrado nos campos de Riachos e que se tornou o santo dos Agricultores.

É uma igreja que ainda se encontra no ativo religioso.

1.2.7- Museu Carlos Reis

O nascimento desta casa tem a mão de Gustavo Pinto Lopes que fundou o museu em 1933, que abriria ao público em 1937.

Gustavo Pinto Lopes era um antigo funcionário da Câmara Municipal de Torres Novas, sendo nomeado Presidente da Comissão Administrativa da CMTN no ano em que fundou não só o museu, mas também a biblioteca municipal, tornando-se a partir daí o pilar fundamental desde marco.

O museu foi fixado na Casa Mogo Melo e desde cedo começou a colecionar obras antigas, como pinturas de Carlos Reis e fotografias de Trincão Marques entre outros objetos raros e de coleções privadas doadas ao museu. Todos os achados arqueológicos eram enviados para lá, para serem avaliados e tratados por profissionais especializados para que depois se tornassem visitais; até o povo aderiu e quis contribuir com donativos e objetos rurais quotidianos.

Com a grandeza que foi adquirindo, era obrigatório que o espaço acompanhasse o crescimento e dessa forma realizaram-se obras de alargamento do museu.

No ano de 1942, mais precisamente no dia 13 de maio, a câmara municipal renomeou o museu para Carlos Reis, nome pelo qual o conhecemos atualmente . Esta mudança teve como objetivo homenagear o ilustre pintor naturalista e amigo chegado de Gustavo Pinto Lopes, por todo o trabalho prestado e pelo magnífico espólio que deixou à cidade.

Atualmente, o museu permanece no mesmo edifício. Em um dos seus pisos, estão patentes exposições permanentes, alusivas á pré-história, á arte sacra, á romanização no concelho de

Torres Novas e a história local. Existe ainda uma sala onde, neste momento podemos encontrar a exposição sobre a vida e obra de Carlos Reis.

1.2.8- Museu Agrícola dos Riachos

O museu Agrícola de Riachos foi inaugurado em 1989, mas a sua criação data de 1986. Situa-se a seis quilómetros de distância na aldeia de Riachos, rica em tradições, terrenos agrícolas e vastas cearas de milho^[13] .

Sendo o museu um lugar de onde muitas histórias brotam, não seria de esperar que este não fosse construído num local que muitas páginas deu á história, um antigo lagar de azeite. Por acartar em si um grande significado para as suas gentes, tem um vasto espólio sobre a vida rural e tradicional de longas gerações, sobretudo desta aldeia. Podemos dizer que é um museu vivo. A cada momento, podemos ver peças novas, ofertas de habitantes como de doações de agricultores. O museu tem uma equipa de quatro artesãos que recuperam e cuidam das peças que estão em pior estado.

“Será então essa uma das importantes funções dos Museus Etnográficos: devolver as memórias da terra e da vida às gerações que as viveram; às novas gerações o sentido da herança recebida e das suas raízes?”

(Carlos Veloso, Professor do
Instituto Politécnico de Tomar)

É dos poucos locais no concelho que tem o maior número de visitantes, todas as semanas recebe visitas de grupos dos diversos faixas etários. Visto que grande parte da população portuguesa teve as suas raízes na agricultura, este museu acaba por ser um encontro geográfico e cultural do passado com o presente, aproximando gerações totalmente diferentes.

Em paralelo, o museu aliou-se a um grupo de artesãos e pintores que aproveitam o espaço para fazer workshops e pequenas conferências sobre pintura e trabalhos manuais diversos.

1.2.9- Casa Memorial Humberto Delgado

“General sem medo”, Boquilobo foi a aldeia que viu nascer Humberto Delgado, uma das imagens mais emblemáticas do golpe de estado de 1926.

Em homenagem a coragem e bravura deste ilustre cidadão torrejano a câmara de Torres Novas adquiriu o imóvel onde o bravo homem nascera com a finalidade de criar um núcleo museológico em sua honra. Nele consta todo o seu progresso de vida, desde que entrou para o colégio militar em 1922, até ao posto de tenente a 28 de maio de 1925. Podemos ver expostas as cartas que escreve com a sua família, roupas que usara e até mesmo parte da asa do avião que pilotava^[13] .

Não é um museu muito visitado talvez por desconhecimento populacional ou até mesmo pela fraca publicidade e divulgação do mesmo.

1.3-Património Natural

1.3.1- Paúl do Boquilobo

A reserva Natural do Paúl do Boquilobo é um ecossistema natural caracterizado por uma vasta área húmida que cria a estabilidade ideal para a permanência de muitas aves e outros animais, como anfíbios e mamíferos, proporcionando zonas de alimentação, reprodução e conforto, visto que, está numa das principais rotas de migração.

Em diversa alturas do ano, esta zona é invadida por espécies variadas de aves que, aproveitando a vegetação rica em salgueiros, locais de nidificação, aproveitam as correntes de água para se alimentarem das plantas aquáticas e dos peixes que se multiplicam nos cursos do rio.

Situa-se na periferia do concelho de Torres Novas com a Golegã, junto da união do rio Almonda com o rio Tejo.

Este enlace dos dois rios é que proporcionou e enriqueceu esta zona, tornando possível que nesse local haja uma grande concentração ornitológica.

Desde 1981 que o Paúl do Boquilobo incorpora a rede mundial de Reservas da Biosfera nomeada pela UNESCO.

No presente, o Paúl do Boquilobo precisa de grandes medidas de intervenção governamental, pois encontra-se ao abandono. De facto, se antigamente era com muita vida ,e frequentemente visitado, agora parece ter caído no esquecimento de todos.

1.3.2- Rio Almonda

O Almonda é um rio que nasce na serra de Aire e que brota num profundo lago azulado. No sopé do arrife da serra d´Aire, rebenta uma água cristalina e pura que desde cedo percorre um longo e penoso caminho.

O rio, que dá nome a terra onde nasce, Almonda, tem cerca de trinta quilómetros, atravessa parte de todas as freguesias de Torres Novas, Zibreira, Ribeiras, Lapas, Salvador, Santa Maria, entre outras, até se encontrar com o grande rio Tejo.

No local onde o rio rompe foi construída uma das mais importantes fábricas de papel, a Renova. Esta construiu uma represa, cuja a água que dali sai passa automaticamente pelo interior da fabrica. O que sobra da filtragem, segue naturalmente o se percurso, até desaguar nas margens do rio Tejo na reserva do Paúl do Boquilobo.

O seu percurso é muito definido em todas as terras que banha e ainda hoje continua a ser uma das principais fontes de regadios dos campos a ele adjacentes, mas sobretudo foi um dos principais motores para o desenvolvimento industrial do concelho.



Figura 5- - Rio Almonda e umas das suas tarambolas, arquivo fotográfico número CMTN_AHMTN_ARQFOT_1370.

No percurso que o rio leva, encontramos alguns moinhos, uns em ruínas outros em bom estado de conservação. Mas a principal fonte do seu aproveitamento é hoje a antiga central elétrica que durante um bom período de tempo abasteceu muitas casas com luz elétrica. Outra das principais fábricas que germinou nas suas margens foi a conhecida Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas, principal fábrica de criação e comercialização de retalhos em Portugal.

Almonda é um rio de características únicas. Pode dizer-se que o seu nome vem do tempos dos muçulmanos que lhe chamavam “Al Monda”, Al como pronome o e “Monda” como limpo ou puro. Verdade seja dita é, um rio limpo e transparente em toda a sua natureza selvagem. Por esta característica é que os primeiros povos se fixaram na região, daí ser um monumento importante para o contexto cultural da cidade.

Não podemos dizer que nos tempos de hoje ainda o temos em boa consideração, porque tem sido vítima de muitos desastres ambientais, como descargas ilegais que acabaram por prejudicar os peixes e outros animais que nele habitam, como estragando também muitas colheitas agrícolas.

1.3.3- Mochão das Ribeiras

O mochão das Ribeiras é um conjunto de pequenas ilhas que se encontram no rio Almonda entre a Ribeira Ruiva e a Ribeira Branca.

Nesse local, foi “construída” uma praia fluvial, aproveitando um dos diques que atravessa as duas Ribeiras e por sua vez as divide. Criou-se assim um espaço de lazer onde qualquer pessoa pode passar o dia, disfrutando da beleza natural do sítio.

Para além de ter um bom espaço para banhos, possui um parque de merendas rodeado de boas árvores sobranceiras que transportam para o lugar uma sensação de tranquilidade e relaxamento.

A paisagem natural, que abunda em torno do local, convida qualquer banhista para, nos tempos mortos, dar um passeio em volta do local criando o seu próprio trilho como de um explorador se tratasse.

Anteriormente as lavadeiras do povo juntavam-se e vinham do centro da cidade para lavar as roupas das suas patroas.

Este local padece de muitas cheias que todos os anos destroem o local, obrigando a sua interdição por questões de segurança e obras.

1.3.4- Ribeira da Beselga e seus trilhos

A Ribeira da Beselga percorre um longo troço de acentuadas inclinações, grandes desníveis e terrenos baldios. É uma ribeira que nasce no concelho da vizinha Ourém, atravessa uma pequena parte do concelho de Torres Novas e vai desaguar em Tomar no rio Nabão.

É uma ribeira de características únicas: de Verão encontra-se seca, convidando a qualquer desportista mais radical a perde-se nos seus trilhos centenários com um grau de dificuldade elevado; no de Inverno, contudo chega a ter um longo caudal que inunda todo um foço, despertando as típicas flores aquáticas que abundam em grandes manchas brancas nas suas águas.

A meio do seu caminho, podemos deslumbrar-nos pelas belas escarpas montanhosas que a zona de Assentiz exhibe, onde podemos encontrar ainda numa fase pouco acessível, os Abrigos da Fórnea, que segundo o espeleólogo João Paulo Fernandes, relevaram vestígios de duas épocas diferentes:

- Neolítico Final/ Calcolítico, pensa-se que estas grutas eram utilizadas como necrópole nas primeiras comunidades agro-pastoris.
- Paleolítico Superior, nesta altura foram utilizadas como abrigos para os grupos de caçadores recoletores.

Com anteriormente referido, em relação à origem da cidade, diz-se que os romanos tiveram a sua cidade de Concórdia em terras de Assentiz. Uma das provas disso está bem presente nesta ribeira, pois ao longo do seu percurso no concelho, podemos vislumbrar

dois diques que pela sua característica azul tem o nome de Diques da Azulada^[1] . Tratam-se de construções em pedra maciça bem ao estilo de edificação romana. Estas por sua vez cortam e desviam o leito, criando pequenas quedas de água que transportando os observadores para um lugar de encontro com a natureza, oferecendo-lhes uma sensação de mística que, aliada aos seus trilhos e túneis florestais, nós elevam para outro plano.

1.3.5- Parque Natural das Serras d’Aire e Candeeiros

O parque Natural das Serra de Aire e Candeeiros localiza-se no Maciço Calcário Estremenho que abrange uma área de 38900 hectares partilhados por sete concelhos: Alcanena, Alcobaça, Ourém, Porto de Mós, Rio Maior, Santarém e Torres Novas.

Caracteriza-se por uma paisagem cársica, constituída por uma grande área da zona montanhosa e rochosa parcialmente nua de arvoredo e vegetação e sem cursos de água. O seu clima ligeiramente atlântico e mediterrâneo cria uma brisa suave que torna escassa a água na superfície, mas o seu interior é rico em rios e trilhos de águas gélidas e transparentes que se deslocam nas grutas subterrâneas.

Estes atributos encarecem a serra de uma forte e marcante personalidade, imagem marcante na linha de horizonte em todos os sete concelhos, dominada pelo tom cinzento, com longos vales e rasgadas falhas, onde em algumas zonas são visíveis lapas, dolinas, polje e as entradas arrepiantes das grutas.

Em todo a sua extensão, temos a presença constante da pedra, elemento predominante. Nela é visível a erosão do tempo, as suas formas arredondadas, os seus rasgos e as suas fendas servem de abrigo aos pequenos animais que conseguem habitar aquela zona, como uma escassa vegetação, o alecrim e a roselha, tende a brotar ora de forma intimidada ora com grande esplendor por entre as pedras e em alguns casos das suas fendas e cavidades.

Outras das principais características que podemos ver são os fosseis marinhos fixados nas pedras calcárias, provas que em tempos anteriores se verificou a presença do mar naquele local.

Nas zonas mais baixas perto do sopé formam-se matos desmedidos que crescem em contraste com as áreas desnudadas que, outrora serviam de campos de cultivo e de pasto. Com o avanço dos processos do homem, este foi criando forma de conseguir captar água de forma a tirar partido desde recurso que a serra esconde para bem dele.

As árvores mais dominantes são as azinheiras, o carvalho, a oliveira e o sobreiro, que criam sombras e locais de descanso para quem se aventura nos trilhos existentes. Estes elementos vegetativos criam uma composição entre a nudez da serra, com o florescer de toda vegetação que ganha mais forma nestas bandas.

1.3.6- Monumento Natural das Pegadas dos Dinossauros

Em meados de Julho de 1994, foi descoberto por João Carvalho, membro da sociedade Torrejana de Espeleologia e Arqueologia uma jazida paleontológica de 60 000m² situada numa antiga pedreira na zona oriental da serra d'Aire a 17km da cidade de Torres Novas.

Este achado revelou-se o mais importante registo icnofóssil da era Jurássica de todos os tempos. É composto por longos trilhos cruzados de pegadas de dinossauros saurópodes conservados por 175 milhões de anos nas lajes calcárias de que é composto o piso maciço.

Os trilhos contem cerca de 20 pistas de diversos tamanhos das quais a maior tem a abrangência de 147 metros de comprimento. No total, podemos contar mais de 1000 pegadas bem conservadas e preservados até aos dias de hoje.

Pensa-se que em tempos remotos, quando os seis continentes era um só e a Europa estava vinculada a América do Norte existia um mar pouco profundo de clima quente e húmido propicio ao crescimento de uma boa vegetação. Esse mesmo seria o habitat perfeito para os dinossauros saurópodes, animais de grande porte com 30 metros de comprimento e um peso medio de 70 toneladas.

Com o clima húmido, as poças de água que existiam eram compostas por terra carbonada que facilmente fixava as suas patadas. Devido ao composto existente na lama, as pegadas era fossilizadas e, por sua vez conservadas, para mais tarde serem descobertas quando se procurava extrair a rocha calcária. Estes fósseis ajudaram a compreender alguns dos comportamentos desses animais e a forma como agiam, sendo por isso peças fundamentais para desvendar os segredos da humanidade

CAPÍTULO II – Levantamento e mapeamento do concelho de
Torres Novas.

2.1- Definições dos limites de trabalho

2.1.1- Introdução ao panorama de Torres Novas no campo do turismo

[19] “Torres Novas assume-se, atualmente, como um determinante centro polarizador da região de Santarém. Moderno, dinâmico e inovador, líder enquanto polo de cultura urbana e com um evidente potencial turístico, o concelho torrejano revela uma visão promissora para o futuro. “

(Fonte delegação Médio Tejo)

Uma cidade é um motor ativo onde as marcas do passado sustentam e fornecem as bases para uma boa construção do futuro que velozmente irá dar vida ao seu presente.

Mas uma cidade baseada na história não vive só disso, precisa de movimentos, de vivências, atrações culturais, desportivas e científicas, locais de referência que pretendam conhecer, melhor e dinamizar a sua região e, não menos importante, a qualidade de vida.

Torres Novas enquanto município, tem a sua origem em 1190, ano em que D. Sancho I atribuiu o floral ainda ela era vila. Tem aproximadamente 36.000 habitantes (sensos 2011) repartidos por 280 km².

Localiza-se a norte do distrito de Santarém e por ordem populacional, é a quarta cidade mais populosa do distrito. Algumas imagens antigas podem ser observadas no anexo II, como alguns antigos mapas disponibilizados pelo posto de turismo

Na atualidade, com o plano de reforma das freguesias, Torres Novas deixou de ter 17 freguesias, para passar a ter apenas 10, sendo elas:

- Assentiz;
- Brogueira, Parceiros de Igreja e Alcorochel;
- Chancelaria;
- Meia Via;
- Olaia e Paço;
- Pedrogão;
- Riachos;
- Santa maria, Salvador e Santiago;
- São Pedro, Lapas e Ribeira Branca;
- Zibreira.



Figura 6- Freguesias de Torres Novas.

Por todo o concelho respira-se história, os campos de cultivo narram as vidas de labuta dos agricultores, as velhas paredes das igrejas evocam os espíritos festivos e as ruas transpiram a liberdade de outros tempos.

Para onde quer que nos viremos, temos sempre presente no nosso horizonte a lindíssima serra D´Aire em plano de fundo, como toda a linha territorial acentuada de vales e montes onde se formou toda uma antiga vila.

Estas características de cariz superficial influenciaram e transformaram o clima citadino. Se por um lado temos escarpas rochosas com irregularidades terrestres, no oposto temos os campos planos, ricos em cultivo na região do Ribatejo. Estes opostos estruturais terrestres originaram brisas mediterrâneas, que são propícias ao desenvolvimento das oliveiras, vinhas e figueiras, principais culturas da região, sendo mesmo Torres Novas conhecida como a Capital do Figo preto^[19].

Mas não só de culturas vive o concelho. Devido a sua boa localização geográfica e aproximação as principais vias de transporte Torres Novas conseguiu desenvolver-se muito

bem industrialmente. Tem grandes empresas a operar ainda hoje no seu concelho, exemplo disso é a conceituada fábrica da Renova, conhecida por todo o mundo.

Renova S.A. Fábrica de Papel do Almonda é uma empresa especializada no fabrico de papel *tissue* e na sua transformação. Encontra-se sediada na nascente do rio Almonda, a quem lhe deve o nome, principal riqueza natural do município.

Almonda um rio de encantos tamanhos, puras águas e refrescantes correntes, percorre toda a cidade envolvendo-se e escondendo-se na paisagem urbana, foi também responsável pelo surgimento de outra duas importantes fábricas localizadas nas suas margens em zonas periféricas da cidade.

A Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas e a antiga casa NERY fábrica de tijolo.

Não esquecendo de referir que junto dele se construiu a antiga estação elétrica, de nome Caldeirão, que possibilitaria o abastecimento de energia não só ao concelho, mas como aos restantes mais perto da sua zona.

No campo do turismo é uma cidade que perde muito, porque necessita de grandes intervenções de cariz governamental. Detém contudo, um vasto património natural, rico em histórias e achados que nos remetem para a origem do homem em dualidade com as épocas mais avançadas da cultura monumental^[19] .

A cidade carece de organismos estruturalmente organizados para conseguir estabelecer planos estratégicos de trabalho que poderiam fomentar a criação de investimentos de possíveis interessados locais como outros para apostar na zona, mas sobretudo criar mecanismos de atração turística e, dessa forma, chamarem mais público exterior para visitar e conhecer todo uma região de gentes simpáticas e acolhedoras, com tempo para dialogar, ouvir e sobretudo partilhar contos.

Como podemos ver, Torres Novas reúne todas as características para crescer e evoluir seja no campo industrial, natural e populacional, mas acarta consigo a incapacidade de conseguir andar para a frente com as coisas.

2.1.2- Primeiros contactos com o campo de trabalho

O projeto de estágio iniciou-se no dia 1 de outubro de 2013 e teve a sua conclusão no dia 31 de julho de 2014. Desde então, o projeto continuou a ser desenvolvido numa fase mais prática, com a recolha de novas imagens, novos objetos de estudo e alguns pormenores que não tinham sido bem desenvolvidos.

Para que um projeto tenha uma boa base é necessário que a ideia que conduziu à sua criação tenha uma razão de ser, um motivo pelo qual seja aceitável nem quase seja só pelo sentimento que seja nutrido pelo objeto de estudo, mas sobretudo uma forte base teórica.

Num projeto sobre uma cidade é fundamental conhecer a sua origem, remontar até tempos passados para conhecer os seus principais marcos históricos, socializar com as pessoas que, em termos práticos, são as principais testemunhas das mudanças das épocas e, sobretudo, ter um espírito aventureiro e explorador para que a cada achado ou desilusão se consiga continuar nesta partilha de conhecimentos.

2.1.2.1- Pesquisa pré-Estágio

Apesar de ter nascido na cidade de Torres Novas, não posso dizer que conheça todos os recantos desta grande cidade e a prova disso foi os locais que descobri com a ajuda das pessoas que me orientaram no estágio e que conheci através de saídas de campo.

O trabalho de recolha de informação sobre a cidade iniciou-se no dia 1 de Outubro 2013, com uma vasta pesquisa na Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes. Foram analisados documentos antigos, que descreviam os factos que sustentavam a teoria da fundação de Torres Novas, o preciso ano em que o concelho se tornou oficialmente uma cidade, como parte das suas histórias e culturas.

Na Biblioteca, é fácil encontrar essas informações porque dispõem de um vasto leque de livros, monografias, revistas e jornais da época entre alguns testemunhos escritos por alguns dos párocos que passaram pela cidade e de forma arquivista escreveram as suas

memórias, as histórias que passam de ouvidos em ouvidos até mesmo em pequenos achados.

Não se pode dizer que é fácil partir para este estudo sem que seja vencida a grande batalha burocrática. Uma das principais dificuldades na pesquisa pré-estágio foi a falta de acessibilidade por parte de certos responsáveis e, frequentemente, o acesso condicionado ao arquivo fotográfico.

A fundação de Torres Novas aparece descrita na grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira no volume 32 Tomar- TRIST, como já foi referido no contexto histórico da cidade^[1]. Este foi o principal livro de apoio ao estudo sobre o concelho. Nele aparecem descritos os acontecimentos sociais de maior relevância, desde os tempos dos reis, bem como as principais figuras históricas torrejanas e seus feitos. À semelhança de outros livros sobre a origem de Torres Novas, é ainda abordada a fantasiosa ideia da cidade de Concórdia se ter situado na freguesia de Assentiz. Todavia, a impossibilidade de provar a sua existência continua a ser o principal marco de mistério na história da cidade.

Em paralelo, foi estudado o seu floral onde constam os costumes e tradições de toda uma vila antiga, berço da formação das leis monarcas. Neste livro, cópia fiel do verdadeiro floral, podemos encontrar alguns dos costumes que através do rei e seu filho se espalharam por todo o país.

Depois de algum tempo de análise e processamento dos documentos e livros que existem na biblioteca, elaborei alguns inquéritos para realizar durante as semanas posteriores, para recolha de testemunhos dos habitantes de Torres Novas sobre os locais que conheciam e que indicariam a quem quisesse visitar a cidade.

Neste estudo foram inquiridas 40 pessoas residentes no concelho com idades compreendidas entre os 6 - 79 anos de idade.

Após o tratamento dos dados recolhidos, verificou-se que os torrejanos se limitaram a referir os pontos turísticos existentes no interior da cidade, por se encontrarem visíveis do local onde se estava a realizar o inquérito, ou porque tinham conhecimento dos

mesmos, ou ainda, em alguns casos, por terem apenas ouvido falar sobre eles. Por outro lado, o principal monumento que todos os habitantes conhecem é o Castelo.

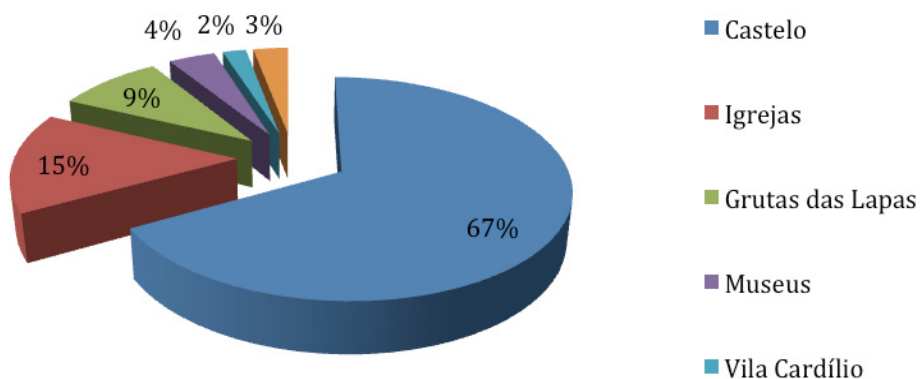


Figura 7- Resultado do inquérito.

Claro que este é um estudo superficial e que em nenhum caso se pode afirmar que seja esta a opinião generalizada.

Mas retomando o resultado, o que se salienta é a falta de conhecimento do local onde se vive, que se pode traduzir em dois aspetos distintos:

- total desconhecimento e desinteresse pelo património local;
- falta de divulgação e de interesse das instituições pelos locais turísticos.

Estas duas condicionantes encontram-se interligadas. Por um lado os torrejanos não se interessam pelos locais, porque têm uma vida demasiada preenchida que os impossibilita de sair e descobrir o seu concelho, ou porque preferem passar o seu tempo útil, dedicando-se a outras atividades. Por outro lado, se o próprio concelho não promover caminhadas, passeios, convívios, exposições e eventos culturais, acaba por não conseguir cativar, nem incutir nos habitantes esse espírito de conhecimento, exploração e até de relaxamento.

Sem ter o conhecimento exato do que se “passa” junto das autoridades promotoras do turismo, só poderei dizer aquilo que penso, baseado em conversas peculiares com as pessoas que deambulam pela cidade e que me concedem um pouco do seu tempo para partilhar os seus pensamentos.

Na visão de um cidadão torrejano, o que acontece é que nem todos os locais se encontram preparados e acessíveis aos visitantes, sobretudo às pessoas com certas dificuldades de locomoção. Os funcionários destacados para cuidar dos locais conhecem razoavelmente bem as histórias dos mesmos mas, em contrapartida, possuem limitações linguísticas que os impedem de comunicar com eficácia, sobretudo quando se trata de visitantes estrangeiros.

O posto de turismo parece carecer de pessoas com um vasto conhecimento sobre as áreas turísticas ou propícias ao turismo. Os panfletos e guias, que podemos encontrar espalhados pela sala principal de calçada portuguesa, não estão atualizados; os números de telefone já não são os mesmos; os responsáveis pelos locais mudaram, bem como os respetivos horários de funcionamento.

Enfim, são estes alguns dos “pequenos” constrangimentos que acabam por passar a imagem de desleixo a quem visita a cidade. Não tanto pelos monumentos em si, mas, sobretudo, pela informação relativa aos mesmos.

2.2- Estágio no Departamento de Turismo da Câmara Municipal de Torres Novas

Em parceria com a Câmara de Torres Novas, iniciou-se no dia 25 de novembro de 2013 o estágio no Departamento de Turismo para que, em conjunto com os responsáveis dessa área, se pudesse criar e elaborar um conjunto de tarefas e projetos a serem desenvolvidos com a finalidade de desenvolver e publicitar a região de Torres Novas.

Foram fornecidas informações sobre o panorama turístico da cidade; dados estatísticos; principais monumentos mais visitados e em que altura do ano, bem como as nacionalidades dos visitantes.

Em paralelo, tomei conhecimento de documentos oficiais sobre a inclusão de Torres Novas na zona Medio-Tejo, resultante do Plano de Estratégia Nacional do Turismo.

Depois de uma primeira análise de todos os documentos disponíveis, e em reunião com o coordenador António Ferreira, parti para a elaboração de um plano laboral que consistiu no seguinte:

- fazer um levantamento de todo o património material e imaterial existente no conselho e elaborar uma tabela com esses dados;
- reunir o material existente no Gabinete de Turismo sobre os locais e fazer a sua análise, criando na plataforma digital duas pastas principais;
- realizar uma lista das carências , após a identificação de todo o material existente, e definir as prioridades;
- estipular abordagens aos locais e criar uma linha condutora de ligação aos mesmos;
- estabelecer uma plataforma digital entre o Gabinete de Turismo e o Gabinete de Comunicação, Audiovisuais e Multimédia.

Um dos principais documentos analisados pertence ao Ministério da Economia e do Emprego - o PENT (Plano Estratégico Nacional do Turismo) que define a situação da inclusão de Torres Novas na zona médio Tejo.

Segundo o PENT, a maior fonte de crescimento económico da zona médio Tejo passa por desenvolver o turismo de uma forma sustentável. A boa qualidade urbana, ambiental e paisagística deve ser um dos principais componentes dos produtos turísticos apresentados por cada autarquia ^[19] .

O produto turístico deve ter uma vasta oferta de conteúdos com uma base sólida e de qualidade, proporcionar experiências autênticas, genuínas e versáteis a cada tipo de elemento de forma a levá-lo a interagir e a dinamizar os locais onde está, sejam eles, urbanos ou naturais.

Cada autarquia deve fazer um levantamento dos recursos humanos que dispõe, como a dinâmica e modernização das entidades públicas. Só assim irá dispor de ferramentas aptas para novas necessidades. Cada dia que passa, tudo muda e se não tiverem conhecimentos que lhes permitam desenvolver uma boa estratégia de comunicação e resposta, acabam por perder os desafios impostos a cada momento pela sociedade.

No documento encontram-se, de forma sucinta, as principais características que o concelho de Torres Novas dispõe:

- proximidade com Fátima;
- vasto património natural e monumental;
- aldeias típicas;
- grutas;
- clima e luz;
- história, cultura e tradições;
- hospitalidade;
- diversidade concentrada.

Tendo em conta estas características, as principais entidades devem promover circuitos turísticos; criar rotas temáticas baseadas na identidade do concelho; melhorar as condições dos equipamentos, recuperando alguns dos edifícios históricos; promover, se possível, alojamentos no meio rural e, sobretudo, a compra e o desenvolvimento dos produtos artesanais de que o concelho dispõe ^[19], nunca deixando de apostar nas novas tecnologias de orientação, informação e georreferencia.

É importante que o sistema de sinalização seja eficaz e informativo, alertando para as condições de acessibilidade, serviços e acolhimento, de maneira a sustentar uma boa rede de informação, estimulando o turista a ser explorador e a seguir as rotas de forma mais intuitiva e, ao mesmo tempo, incentivá-lo para as boas práticas ambientais. É sobretudo muito importante evidenciar e criar a aproximação do turista ao espaço.

Tendo em conta o documento do PENT, procedeu-se ao levantamento dos dados estatísticos relativos aos locais visitados, numa fase inicial, e, posteriormente, dos locais que são considerados de monumentos no concelho, em termos de Património Material e Imaterial.

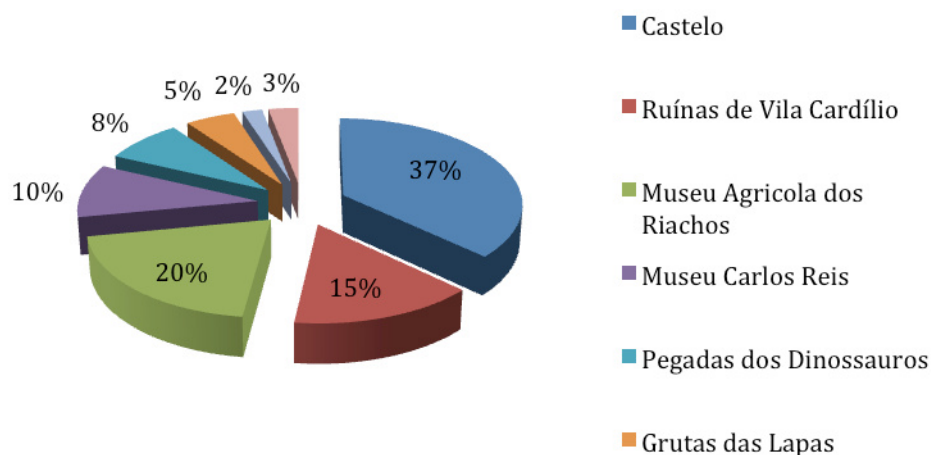


Figura 8- Dados estatísticos dos monumentos mais visitados no concelho de Torres Novas.

Património Material é considerado tudo o que seja visível, como uma estrutura ou uma parte física que acarte em si todo o potencial histórico, cultural, natural e religioso de uma determinada região. Do mesmo, constam os monumentos históricos, os locais culturais, os edifícios artísticos e etnográficos e, por fim, toda a beleza dos nossos parques Naturais.

Património Imaterial refere-se a tudo o que não tenha uma base concreta e física, neste caso as feiras e exposições, conferências e mostras de gastronomia e, por fim, as atividades desportivas e artísticas. Dela vão, sobretudo, constar os locais e os equipamentos.

Com base no levantamento realizado, em conjunto com o Eng.º António Ferreira, sobre os locais com interesse para o turismo na região, elaborou-se uma tabela em que os mesmos se encontram divididos, consoante a sua tipologia.

Património Material

Tabela 1- Património Material

Monumental	Religioso	Natural	Artístico	Etnográfico
Castelo	Capela do Vale	Parque Natural Serra d'Aire e Candeeiros	Teatro Virgínia	Museu Carlos Reis
Villa Cardilio	Capela Vargos	Grutas Almonda	Biblioteca Municipal	Museu Agrícola Riachos
Grutas de Lapas	Salvador	Parque Natural das Pegadas dos Dinossauros		Casa memorial Humberto Delgado
Moinhos da Pena	São Pedro	Ribeira da Beselga		
	Casa da Misericórdia São Sebastião			
	Santiago			

Património Imaterial

Tabela 2- Património Imaterial.

Artístico	Desportivo	Feiras
Teatro Virgínia	Palácio dos Desportos	Feira Gastronómica do Cabrito e da Enguia
Biblioteca Municipal	Piscinas Municipais	Bênção do Gado
	Estádio Municipal Dr. António Alves Vieira	Festas do Almonda
	Corrida de São Silvestre	Feira dos Frutos Secos
		Feira Medieval
		Feira das Velharias

Tentando não fugir muito do que tinha sido estipulado no início do estágio - arranjar as bases para um mecanismo de conhecimento e possivelmente, publicitário do concelho - procurei os arquivos fotográficos que o departamento de Turismo tinha, na tentativa de organizar o maior número de imagens e informações para cada um dos monumentos presentes nas duas tabelas referentes ao Património Material e Imaterial.

Dessa forma, criei numa plataforma digital, duas pastas principais (Património Material e Imaterial) subdivididas com os tópicos principais das tabelas.

O arquivo fotográfico do departamento é constituído por sete DVDs, dos quais três estavam gravados e com os conteúdos pretendidos, e quatro não se encontravam gravados ou tinham defeito.

As imagens arquivadas são sobretudo de cariz jornalístico, retratado aspetos de pequenas conferências, reuniões, feiras agrícolas e empresariais com pouco interesse turístico. Existe também um registo de todas as igrejas do concelho.

As escassas as imagens que, de facto, retratam os monumentos apresentam, na sua maioria, pouca nitidez e exposições incorretas.

Procedeu-se, então, à escolha das imagens que melhor ilustravam os parâmetros estabelecidos e posterior inclusão na base de dados.

No início de janeiro de 2014, concluído parcialmente o trabalho proposto pelo Gabinete de Turismo, mudei para Gabinete de Comunicação, Audiovisuais e Imagem (no mesmo edifício) para aí continuar o trabalho pretendido - criação de uma plataforma digital entre estes dois gabinetes. Esta mudança só aconteceu após o antigo fotógrafo da câmara ter cessado a sua atividade, evitando-se, desta forma, eventuais constrangimentos.

No Gabinete de Comunicação, Audiovisuais e Imagem encontram-se as responsáveis por todo o trabalho gráfico e social da cidade: gestão de notícias diariamente publicadas nos meios de comunicação social (site do município, página do facebook e jornais locais); divulgação de eventos e campanhas, entre outras iniciativas, como toda a parte criativa dos cartazes publicitários, vídeos divulgadores das feiras promocionais dos produtos típicos da região e, não menos importante, toda a parte fotográfica da Câmara Municipal.

No arquivo deste gabinete podemos visualizar todas as reportagens fotográficas de acontecimentos camarários, saídas presidenciais, conferências e reuniões, mas também a parte documental dos monumentos, os seus estados de conservação, as intervenções a que foram sujeitos, os pormenores e as suas vistas mais detalhadas.

Com esta alteração do posto de trabalho, foram reorganizadas e acrescentadas novas tarefas a realizar, nomeadamente:

- levantamento do que existe no arquivo direcionado aos monumentos turísticos já estabelecido pelo anterior gabinete.
- colocar os metadados nas imagens do arquivo desde o ano 2008 até 2013;
- realizar reportagens fotográficas das peças de teatro da Biblioteca Municipal;
- proceder ao tratamento digital do espólio fotográfico sobre a freguesia de Carvalhal da Aroeira;
- digitalizar dois livros antigos, documentos históricos e três conjuntos de artefactos pertencentes ao Museu Municipal;
- encontrar e criar as imagens para o novo site do município, de acordo com os monumentos referenciados no guia.

Estes novos procedimentos foram realizados e divididos em três fases:

Fase 1- Levantamento e organização do material existente, condições de arquivamento e principais carências.

Fase 2- Saídas de campo direcionadas para o levantamento e mapeamento do concelho e recolha do material em falta.

Fase 3- Saídas de cariz camarário, idas ao museu, biblioteca e realização de trabalhos pedidos em paralelo com o trabalho de estágio.

2.2.1- Fase 1: Levantamento do material existente no arquivo

O arquivo fotográfico está dividido em vários suportes: uma pasta com 64 DVDs referentes ao período entre 2008 e 2012; um conjunto de dez dossiês que contêm um número indeterminado de fotografias mais antigas, tiradas na altura em que se trabalhava com as câmaras analógicas, e, por fim, no antigo computador do fotógrafo Álvaro Mendes, encontram-se todas as imagens posteriores a 2010, organizadas em pastas, de acordo o tipo de acontecimento e respetiva data, como por exemplo: Inauguração da Escola de São Pedro, 12-10-2013.

Para além das imagens de cariz político dos órgãos municipais, também se encontram outras referentes a algumas saídas territoriais para visualização das condições em que se encontram os monumentos e a áreas abrangentes. Algumas destas saídas encontram-se também no arquivo do departamento de turismo.

Depois dos primeiros contactos com o novo campo de trabalho, colocou-se as mãos à obra e iniciou-se o levantamento relativo aos monumentos do património material.

Em simultâneo, foi pedido que se colocasse os metadados no arquivo de 2010 e 2013, afim de se proceder à sua arquivação noutra plataforma, libertando, deste modo, algum espaço no computador.

Este processo foi um pouco moroso, devido a diversos fatores, entre os quais se destacam os seguintes: erros no programa, reajuste dos conteúdos; introdução de novas pastas e ainda solicitações feitas por outros departamentos da Câmara.

Para que as tarefas estipuladas para o estágio não fossem prejudicadas, a colocação dos metadados no arquivo 2013 foi realizada consoante o tempo livre disponível. Este facto acabou por não ser muito prejudicial para a entidade camarária que, tendo acolhido três estagiários vindo de escolas secundárias, lhes atribui essa função.

O arquivo do património material encontrava-se muito desatualizado e descontextualizado com os principais pontos turísticos.

As imagens encontradas dos principais monumentos (Castelo, Villa Cardilio, Museu Carlos Reis e Agrícola, Grutas das Lapas, Reserva do Paúl Boquilobo e Ribeira da Beselga), remontam ao ano de 2009, ano esse em que Torres Novas apostou na criação de um guia turístico novo, juntamente com a renovação do aspecto da cidade.

Nesse ano, foram arrançados os jardins, alcatroadas as estradas, procedeu-se também à remodelação das rotundas e criação de novos espaços de lazer, mas acabou-se por deixar um pouco de parte a riqueza histórica. De facto, apesar de se terem realizado obras de intervenção no exterior do castelo, todos os outros monumentos foram deixados à margem.

A desatualização de imagens relativamente às atrações turísticas só prejudica a instituição. Por um lado os monumentos devem estar atualizados para que o turista não se sinta enganado no que procura, e conter os novos achados históricos com as coordenadas corretas, Por outro, sempre que são solicitadas imagens ilustrativas dos novos lugares considerados como ponto de interesse, estas obrigam sempre a uma ida apressada ao local e muitas vezes o registo que é realizado acaba por ser superficial e pouco elucidativo.

2.2.2- Fase 2: Mapeamento do concelho

Depois de todo o trabalho teórico analisado e realizado nos dois gabinetes, é preciso sair para o terreno e conhecer a verdadeira realidade em que se encontra o concelho de Torres Novas.

Para que isso aconteça é preciso traçar um plano de trabalho que vise o conhecimento total dos locais para que depois se possa proceder a discriminação do que realmente é importante e do que pode vir a ser trabalhado posteriormente.

Seguindo esse pensamento, as dez freguesias existentes no conselho, foram divididas em quatro grupos, tendo em conta a aproximação entre as mesmas:

Grupo I- Meia Via, Riachos, Brogueira, Alcorochel e Parceiros de Igreja.

Grupo II- Salvador, Santiago, Olaia e Paço.

Grupo III- Assentiz, Chancelaria e Pedrogão.

Grupo IV- Santa Maria, São Pedro, Lapas, Ribeiras e Zibreira.

Todas as imagens captadas no levantamento do concelho nesta fase, foram realizadas em formato digital com a câmara Canon 40D e com o auxílio de um tripé. Podemos encontrar algumas imagens ilustrativas de cada grupo no anexo II.

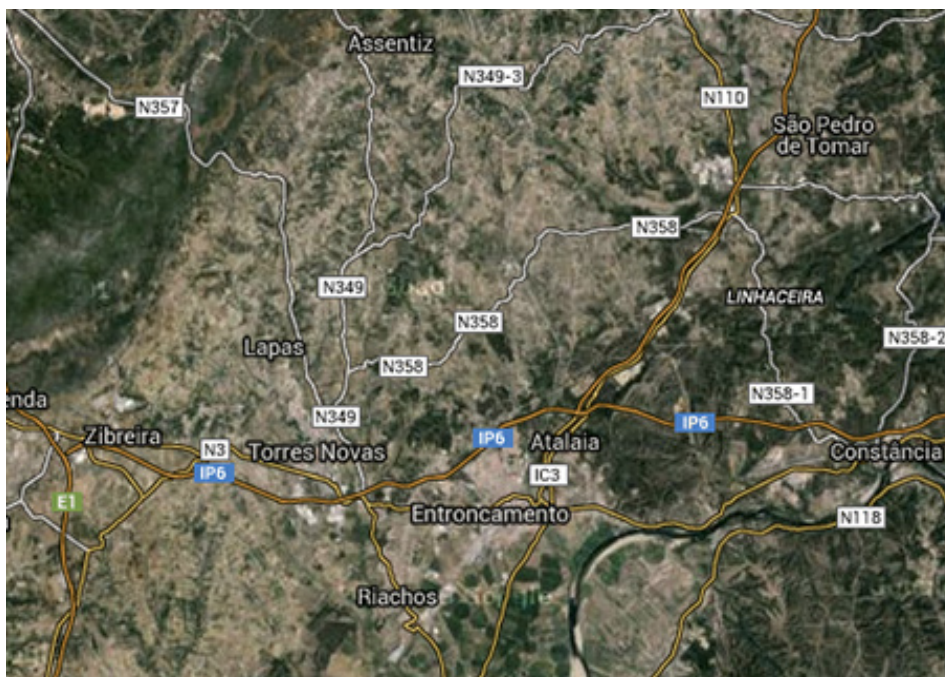


Figura 9- Mapa do concelho de Torres Novas.

Grupo I- Meia Via, Riachos, Brogueira, Alcorochel e Parceiros de Igreja

Este grupo situa-se sobretudo a sul do concelho, apanhando a zona da Meia Via que se encontra mais a Este.

Meia Via é um pequeno centro urbano, onde grandes vivendas contrastam com algumas casas abandonadas e desgastadas pelo tempo. Tem aproximadamente 1600 habitantes (censos 2011).

A imagem principal da Meia Via foi durante longos anos a Santa da Ladeira, uma figura religiosa que trouxe muitas pessoas à vila. Muito se diz a esse respeito, mas até aos dias de hoje, essa crença não foi aceite aos olhos da igreja.

Para além da religião, a vila é circundada por grandes campos, onde se tentava cultivar algo mais que cereais para animais, mas a sua terra acaba por ser demasiado seca.

Pontos de interesse fotográfico: aparentemente, a povoação em si.

Riachos é das freguesias mais populosas do concelho, tem aproximadamente 5247 habitantes (censos 2011). É uma vila que não possui um passado bem definido e, por isso, a sua história só é contada a partir do momento em que foi fundada em 1923.

Em contradição com a anterior localidade, Riachos detém vastos campos com inúmeras sementeiras de vegetais, produtos hortícolas e cereais.

Um dos principais benefícios das culturas é a sua proximidade ao rio Almonda mas, em contrapartida, na altura das chuvas, acabam por se perder muitas culturas e as grandes produções são abaladas.

Pontos de interesse fotográfico: campos de cultivo, linha do rio e flora, Feira da Bênção do Gado e Museu Agrícola.

Brogueira tem aproximadamente 1112 habitantes (censos 2011), e o seu principal ponto de interesse é a Reserva Natural do Paul do Boquilobo. Esta reserva situa-se na junção do Rio Almonda como o Rio Tejo e foi a primeira reserva natural a incorporar a Rede Mundial de Reservas da Biosfera. É um espaço muito húmido devido ao seu valor ornitológico e à vegetação que cresce ao longo das margens e do próprio leito do rio, conferindo ao local uma beleza natural. Nesta reserva existem muitas colónias de garças, patos bravos e patos-coelho.

Pontos de interesse fotográfico: Paul do Boquilobo, fauna e flora, linha do rio Almonda e campos de cultivo, Casa Humberto Delgado e Teatro da Destilaria.

Alcorochel e Parceiros de Igreja são as duas localidades menos exploradas deste grupo, estão agrupadas devido ao fraco conteúdo turístico e monumental.

No total, as duas aldeias têm 1717 habitantes (censos 2011), que vivem da agricultura tal como Riachos, concentrando-se sobretudo na produção de azeite e azeitonas.

Em Parceiros de Igreja encontra-se alguns lagares, todos eles privados pelas cooperativas de azeite da região.

Pontos de interesse fotográfico: lagares de Azeite, vindimas e campos agrícolas.

Grupo II- Salvador, Santiago, Olaia e Paço

O grupo II localiza-se na zona Centro e Este do concelho.

A antiga freguesia de Salvador localiza-se sobretudo no centro da cidade, sendo assim parte fundamental da história central. O Castelo, as inúmeras igrejas, as ruas históricas e os verdes jardins contrastam com os espaços urbanos.

Santiago por sua vez, aproxima-se mais da periferia da cidade e tem como principal paisagem os campos de trigo, milho e outros cereais que tiram partido da ribeira do Alvorão que atravessa esta antiga freguesia.

Estas duas freguesias têm 3220 habitantes (censos 2011) e encontram-se, atualmente, agregadas a Santa Maria. As três juntas formam uma única freguesia.

Pontos de interesse fotográfico: ruas históricas, vistas urbanas, castelo, Museu Carlos Reis, jardins e espaços verdes, campos de cultivo e linha da ribeira do Alvorão.

Olaia e Paço são duas localidades direcionadas para a agricultura, tal como as anteriores. Devido ao seu posicionamento, afastado de qualquer curso de água, estão direcionadas para o cultivo das vinhas e produção de azeite. Nelas existem, de facto, vastos hectares de olivais e vinhas, todos eles muito bem cuidados e, na sua maioria, mantidos com apoios financeiros da CE.

Estes dois territórios estão juntos num só, dando nome à freguesia de Olaia e Paço que tem 2409 habitantes (censos 2011).

Pontos de interesse fotográfico: Aparentemente só a povoação em si, os olivais e as vinhas.

Grupo III- Assentiz, Chancelaria e Pedrogão

Assentiz, que anteriormente foi palco de uma grande mortandade provocada pela perseguição dos cristãos, levada a cabo pelos romanos, tornou-se uma espécie de diamante em bruto. Nela podemos ver as primeiras marcas da civilização, até chegar aos dias de hoje, em total harmonia com os seus cursos de água e as suas cascatas cristalinas. Como anteriormente foi referido, a única condicionante deste local é a Câmara não ter ainda apostado fortemente nele, criando trilhos e passeios pedestres para evidenciar esta zona. Outro aspeto também condicionante é o clima, pois nas alturas mais quentes a ribeira seca por completo, aguçando a curiosidade dos visitantes a esperar pelas chuvas para poderem ver as suas cristalinas cascatas.

Pontos de interesse fotográfico: abrigos da Fornia, ribeira da Beselga e o seu caudal.

Chancelaria tem uma dualidade entre a sua proximidade da Serra d'Aire e a sua baixa territorial. A maior parte do povoado de Chancelaria desenvolve-se na planície da serra, contrastando com os seus montes penosos.

É na freguesia de Chancelaria que nasce a Ribeira do Alvorão, que desce a serra e se encontra com o rio Almonda na periferia da cidade.

Na Freguesia de Chancelaria podemos visualizar o trilho de moinhos que se localiza na aldeia de Pena. Estes moinhos destinavam-se a produção de farinhas. Hoje em dia, são utilizados para turismo rural.

Ainda na zona da serra, podemos observar o Monumento Natural das Pegadas de Dinossauros. Algumas destas pegadas foram encontradas numa antiga pedreira e remontam a 175 milhões de anos.

Os principais pontos fortes são as Pegadas dos Dinossauros, Caminhos Pedestres juntos da nascente da Ribeira do Alvorão e os Moinhos da Pena que embelezam a vista da serra.

Pontos de interesse fotográfico: Ribeira do Alvorão, Moinhos da Pena, fauna, flora e Pegadas dos Dinossauros.

Pedrogão foi uma das freguesias que se manteve sem sofrer alterações ao longo dos anos. Tem aproximadamente 2037 habitantes (censos 2011), espalhados por todo o seu território.

É uma freguesia com uma vasta área e uma boa proximidade da Serra d'Aire, mas em contrapartida não produz qualquer tipo de sustento, dado que os campos são de terra seca e de pouco cultivo. Uma das imagens de marca de Pedrogão são as casas abandonadas no cimo dos montes.

Pontos de interesse fotográfico: vista da Serra D'Aire, ruínas de antigas casas de campo.

Grupo IV- Santa Maria, São Pedro, Lapas, Ribeiras e Zibreira.

Santa Maria era uma antiga freguesia de Torres Novas e tem 5026 habitantes. Situa-se para no centro do concelho e o principal foco de interesse centra-se na Villa Cardilio, uma antiga vila Romana que foi descoberta em 1962.

Nesta vila muitos foram encontrados vários achados arqueológicos, entre as quais, moedas, vasos, anéis e estátuas. Estas peças estão expostas no Museu Municipal Carlos Reis, sediado no centro histórico da cidade.

Pontos de interesse fotográfico: Villa Cardilio, achados arqueológicos (Museu Carlos Reis), campos envolventes.

São Pedro foi uma antiga freguesia e tem 5466 de habitantes (censos 2011). Tem como localidades centrais três povoações: Alcorriol, Carvalhal de Aroeira e Rodrigos. Possui alguns campos de cultivo, mas em número muito reduzido.

Pontos de interesse fotográfico: campos de cultivo e povoação.

As localidades de Lapas e Ribeira já foram citadas, principalmente pelo seu interesse, beleza natural e achados geológicos.

Lapas tem uma densidade populacional de 2590 habitantes (censos 2011) e deve o seu nome à lapa que se encontra por baixo da localidade. É banhada pelo rio Almonda que a atravessa de forma insinuada.

A antiga freguesia de Ribeiras tem uma densidade populacional de 618 habitantes e é talvez a mais pequena de todas as freguesias. Estas duas aldeias encontram-se agrupadas devido ao seu vasto valor geológico e histórico e também aos seus artefactos que remontam à pré-história.

Pontos de interesse fotográfico: grutas de Lapas, povoação, linha do rio Almonda, praia fluvial e campos de cultivo.

Zibreira é ainda freguesia de Torres Novas e tem 1028 habitantes (censos 2011). A sua principal atração turística é a nascente do rio Almonda, principal imagem da cidade, e que a atravessa de uma ponta à outra.

É uma vila com grande domínio económico, onde estão situadas as duas fábricas da Renova, empresa que tem ma importante posição industrial.

Pontos de interesse fotográfico: nascente do Almonda, Grutas do Almonda, fauna e flora.

Analise dos resultados recolhidos na fase 2

Destas primeiras saídas de campo realizadas nos dias 13, 19 e 21 de março de 2014, resultou um conjunto de quarenta imagens escolhidas do mapeamento e levantamento dos grupos, seguindo uma linha documental, uma conceção fiel do assunto com pequenos toques pessoais evidentes através dos pormenores captados e dos enquadramentos escolhidos.

Podemos ver no anexo III alguns exemplares das imagens concebidas nas saídas de campo.

Cada imagem é captada de forma a expressar a realidade, o clima encontrado, o estado do campo e as condições dos monumentos. Mesmo sendo o primeiro contacto com os locais, é visível que algumas imagens tentem passar ou transmitir mais do que a paisagem em si.

É importante que o observador se deixe levar não só pelo que vê, mas também pela emoção e sensação que o invade, deixando-se conduzir pela curiosidade.

Cada elemento presente na imagem está pensado para aparecer naquela posição e naquela forma, para no fim conseguir criar uma harmonia entre os elementos fulcrais, como as tonalidades que cada imagem possui, transportando para a imagem o meio climático envolvente ao assunto.

Sempre procurei, numa primeira fase, ir para o campo, de espírito livre e aberto, agarrar os pequenos detalhes e explorar de forma sensorial os recantos dos mesmos. Para que isso acontecesse, evitei não seguir referências artísticas, optando por deixar fluir a minha visão e abordagem.

Inicialmente, idealizei uma composição muito geométrica, onde fosse possível detetar facilmente as linhas condutoras que ligam e dividem os elementos do cenário, criando imagens ao estilo pictórico.

É possível notar conotações estéticas Realistas, na forma como se pretende captar e reproduzir a realidade tal e qual como se vê, mas ao mesmo tempo, aliada a alguns apontamentos da corrente Impressionista, com alguns efeitos realizados na captura das mesmas, poucos contornos nítidos e algumas manchas de cor. Isto é, ao tentar retratar a paisagem tal como ela é, procura-se também passar a linha inicial da paisagem e invadir a obra com a busca da sensação do belo e do agradável.

No tipo de imagens realizadas podemos notar algumas influências do trabalho realizado por David Noton, fotógrafo de viagens e paisagens, desde 1985. Com ele diz: “Qualquer um pode viajar, voltar com imagens únicas é mais complicado, é preciso ignorar o que foi feito antes e ver as coisas como se fosse a primeira vez.”

É necessário tempo no local, paciência para que se consiga desenvolver uma visão identificativa e singular do mesmo, nem que seja preciso voltar lá inúmeras vezes. Se no final não conseguimos que aquela imagem funcione, é importante ver onde estamos a falhar e continuar a lutar, voltando aos locais mais conhecidos e fotografados de forma a conseguir imagens mais refrescantes e originais desses sítios.

Uma outra influência prende-se, sobretudo, com a questão do enquadramento. Um dos principais mestres que influenciou a leitura da composição foi Charlie Waite, outro fotógrafo de paisagem e professor de fotografia. Amante da luz, do céu e das condições atmosféricas adversas, o facto de trabalhar com a luz acaba por incutir nas imagens um sensação de dimensão e grandiosidade que se reflete no olhar do observador.

Não posso dizer que sigo a mesma corrente artística ao captar a linha do céu com a junção a linha da terra, mas com ele aprendi a ler a paisagem, a observar todas as partes que compõem e a ver como essas ligações funcionam entre si.

Depois de ter entrado em contacto com os locais, pude definir os monumentos prioritários, tendo em conta o seu estado de conservação e a melhor altura para serem explorados.

Em ambos os arquivos, os principais monumentos em falta e que precisam de uma renovação são os seguintes:

- Os abrigos da Fornia (só existe o primeiro contacto, imagens tremidas e pouco nítidas)
- Ribeira da Beselga (o que acontece com os abrigos, reflete-se na ribeira da Beselga)
- Paul do Boquilobo (não existe nenhum registo, só quatro imagens cedidas pela reserva, de baixa qualidade).

É também necessária uma atualização das imagens sobre:

- rio Almonda,
- campos de cultivo e hortas,
- monumento Natural das pegadas dos dinossauros,
- Serra D´Aire e Candeeiros.

Imagens com menor importância:

- Castelo,
- Villa Cardilio,
- moinhos da Pena,
- imagens ilustrativas das aldeias típicas e pormenores citadinos.

Estes foram os principais pontos de trabalho para a criação das imagens que depois irão ser escolhidas para ilustrar o novo site de Torres Novas e o panfleto que irá substituir o guia da cidade.

2.2.3- Fase 3: Trabalhos para o museu, biblioteca e trabalhos pedidos em paralelo com o trabalho de estágio

Uma das principais dificuldades que sempre esteve presente desde o início foi a falta de disponibilidade e condicionamento do trabalho realizado. Isto é, quando se devia ir para o campo fotografar nunca havia carro, ou os responsáveis afinal não podiam e ficava tudo suspenso.

Com este tempo aparentemente livre, havia quem se aproveitasse do facto de me encontrar a ocupar o lugar do antigo fotografo e me “pedisse” para realizar certos trabalhos que, não sendo muitos, levavam, efetivamente, o seu tempo a concretizar.

Sendo atividades realizadas em tempo de estágio, achei por bem referenciar algumas, nomeadamente, o tratamento do espólio fotográfico de Carvalhal da Aroeira e a digitalização do conjunto de moedas antigas remetidas ao período de invasão romana.

O espólio do Carvalhal é constituído por 936 fotografias divididas por nove temas: Carvalhal, Retratos, Momentos de fé, Crianças, Retratos do quotidiano, Tempos de lazer, Trabalhos dos dias, Famílias e gentes, Dias felizes e Rostos do tempo.

Foi-me pedido que tratasse essas imagens de forma digital, a fim de as redimensionar para as medidas pretendidas, melhorar a sua nitidez, recuperar partes da imagem e remover vestígios de bolor, manchas de água e riscos. Para que o trabalho ficasse nas melhores condições, para depois ser impresso, recorri aos ensinamentos do professor Luís Ribeiro sobre as ferramentas mais assertivas neste tipo de edição de imagem no Photoshop.

Estas imagens começaram a ser tratadas no dia 8 de janeiro de 2014, tendo o trabalho ficado concluído no dia 13 de fevereiro de 2014. O objetivo da sua recuperação foi a criação de um livro de homenagem da Câmara Municipal às gentes de Carvalhal da Aroeira, em forma de agradecimento pelos trabalhos e os feitos que tanto contribuíram para o crescimento agrícola da cidade.

Ao mesmo tempo que foi pedido o tratamento dessas imagens, foi solicitada também a digitalização de três blocos de moedas do período romano na vila, num total de 117 moedas.

As moedas tinham chegado do Instituto Politécnico de Tomar depois de uma intervenção realizada pelas turmas de conservação ao seu estado físico.

São moedas muito sensíveis, algumas já com poucas texturas, outras totalmente irreconhecíveis e parcialmente danificadas.

De uma forma geral, todos os trabalhos realizados em simultâneo com o projeto de estágio foram enriquecedores, acabando por me obrigar a colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos (não só no mestrado, como na licenciatura em fotografia), desde o tratamento de imagem, às reportagens fotográficas, passando dos pack-shots para as peças do museu, entre outras atividades não menos importantes.

CAPITULO III- Caminhos seguidos para a elaboração do projeto

3.1- Caminhos abordados no âmbito do estágio e metodologias no projeto Torres Novas

Embora a fotografia já exista há muito tempo, sofreu muitas alterações tanto ao nível físico como funcional, que a tornaram cada vez mais prática e também, por consequência banal, para sempre ligada ao turismo, através do seu eterno postal. Sem ele, o conhecimento, expansão e divulgação dos locais não seria tão rico.

A fotografia é um meio de reflexão, através do qual podemos contactar o passado, comparando-o com as alterações do presente, sem limitar a nossa capacidade de interpretação. A forma como hoje vemos os acontecimentos é transmitida através da leitura de imagens, que por sua vez, são o resultado da interpretação que alguém fez. O mesmo acontece no campo do turismo e da publicidade turística.

É preciso compreender e perder algum tempo nos locais, respirar e sentir os seus aromas, entranhar-se nos seus caminhos, conhecer as suas histórias e abraçar tudo o que eles nos podem proporcionar, para que no final consigamos traduzir em imagens todos os sentimentos incutidos nessas experiências.

Tendo em conta que o produto que o turista procura é a beleza, é necessário que haja cada vez mais imagens para que possa haver movimentação. Com o avançar da sociedade, é importante perceber que os turistas procuram conhecer o mundo, interagir com outras culturas e, sobretudo, tornar esses momentos eternos, para que possam ser mostrados, vistos e revistos inúmeras vezes. É raro encontrarmos um turista que não tenha uma câmara sempre à mão.

Para que isso aconteça no panorama turístico de Torres Novas, foram abordados dois temas principais:

- “Inspira-te à descoberta”;
- “Por Terras de Almonda”.

Estes nomes foram os escolhidos pela entidade como sendo os próximos guias turísticos a serem editados no concelho, em simultâneo com o estágio.

Para estes temas, as imagens foram captadas com três câmaras diferentes: digital Canon 40D e Canon 6D, analógica Minolta X-300s e Yashica Lynx-14E formato 35mm e, por fim, uma câmara instantânea Fujifilm instax 210.

3.1.1- “Inspira-te à descoberta” - Torres Novas como fonte de inspiração

Após o levantamento do património do concelho, o Eng.º António Ferreira pediu que, numa primeira fase, fossem renovadas as imagens do anterior guia turístico.

Desta forma, pegou-se no anterior guia, tendo sido parcialmente excluídas algumas igrejas que já tinham sido atualizadas há pouco tempo.

Alterando um pouco o arranjo gráfico, procedeu-se a reorganização das imagens pela mesma disposição. No anexo III, é visível a paginação do novo guia.

A ordem das imagens e dos conteúdos do guia respeita a ordem estipulada pelas normas turísticas de conceção dos guias turísticos. Primeiro todo o património monumental, depois o natural e, por fim, os meios locais: comércio, restauração e equipamentos (culturais e desportivos).

A ordem dos monumentos foi estabelecida da seguinte forma:

- castelo;
- Villa Cardilio;
- grutas das Lapas;
- moinhos da Pena;
- igrejas;
- Museu Municipal Carlos Reis;
- Museu Agrícola de Riachos;
- Casa Memorial Humberto delgado;
- Paul do Boquilobo.

O tipo de abordagem realizada a estes locais é de cariz documental, apresentando uma imagem objetiva e clara dos locais, tendo em conta os seus pormenores, texturas, vestígios e infraestruturas, entre outros aspetos.

A prioridade nesta fase era destacar os importantes monumentos que a cidade tem e conseguir captar a sua inclusão na paisagem citadina.

Torres Novas ainda não dispõe de trilhos definidos, nem de rotas turísticas traçadas. Por isso, tentou-se traçar percursos consoante o gosto do turista e, ao mesmo tempo, consoante os monumentos mais perto do centro da cidade, pelo facto de não haver muitas placas informativas ou guias mais específicos para as restantes zonas, sobretudo no panorama natural.

Pode-se dizer que, neste caso, o principal público seja o tipo de turista passageiro que procura passar no máximo três dias na cidade, preferindo conhecer os principais locais sem ter de se deslocar em demasia pelos mesmos.

Por isso, procurou-se criar um itinerário focado na ordem histórica e entrelaçado com as paisagens envolventes, acabando a viagem com uma referência às tradições e costumes.

Como este tipo de turista procura passar pouco tempo nos locais, mas ao mesmo tempo pretende obter um vasto conhecimento dos mesmos, criou-se um percurso muito simples e intuitivo, iniciado com a história dos primórdios da cidade (Castelo), referência aos vestígios e achados da vila (Museu Municipal, Villa Cardílio e Casa Memorial) e aos mistérios que por aqui se misturam com as gentes (as Grutas da Lapas). Seguidamente, é proposto um passeio pelos nossos recantos (Serra d'Aire e os Moinhos), no qual se poderá admirar a monumentalidade, leveza e harmonia da paisagem circundante. A viagem termina com o contacto com as nossas tradições e costumes, através de uma passagem pelos campos de cultivo e sementeiras (Museu Agrícola).

É um trajeto simples, centralizado nos principais aspetos da herança histórica em conjugação com a evolução e expansão de uma antiga vila portuguesa.

3.1.2- Por Terras de Almonda

[4] “ Por bem se dará o tempo vivido no encanto desta velha e fidalga vila ribatejana, onde a sua gente cativa pela sinceridade do seu trato e hospitalidade de quantos nela se demoram tempo que baste para a conhecerem por fora e por dentro”

António Dinis da Cruz

O tema “Por Terras de Almonda” surgiu depois de uma reunião com o coordenador António Ferreira sobre o potencial do rio Almonda.

O rio Almonda, como anteriormente foi referenciado, é o principal fator para que no passado os povos nómadas se tenham instalado no seu raio de aproximação. Nasce por baixo de altas escarpas, que antigamente constituíam refúgios seguros em situações de tempestade, sendo também vantajosas para se fazer uma boa vigia, prevenindo eventuais perigos.

Por ser um rio rico e abundante em peixe, criou e possibilitou as condições perfeitas para que vários tipos de animais se criassem e reproduzissem nos campos em redor.

Em tempos anteriores, foi palco de grandes lutas e batalhas, obrigando os inimigos a dobrarem as suas margens na procura de entradas secretas para as suas torres. No passado mais próximo, foi o responsável pelo incremento das principais indústrias do papel e tecidos no concelho e, atualmente, é palco de belos recantos de paz e equilíbrio para quem procura a harmonia no seu dia.

O rio Almonda é o elemento paisagístico mais presente em todo o concelho, passado por quase todas as freguesias.

Partindo da ideia do rio estar presente desde o início da civilização, procurou-se retratar a evolução dos períodos históricos (desde o surgimento da terra, as grandes batalhas, entre outros), narrados pelo rio e pelos restantes espaços correspondentes a esse intervalo de tempo.

Com o auxílio do levantamento realizado, estipulou-se uma ordem cronológica, consoante os locais que iriam ser apresentados em primeiro lugar e sucessivamente.

Todos sabemos que a origem exata da criação da terra ainda permanece um mistério. É, porém, possível que o seu nascimento tenha sido originado por uma grande explosão, Big Bang, que permitiu o desenvolvimento do universo. As partículas que surgiram dessa explosão forma-se agrupando e deram origem aos planetas, entre os quais a Terra.

Ao longo dos anos, o planeta sofreu várias alterações, em determinados períodos de tempo, que refletem as varias unidades geológicas por que passou a terra.

No âmbito do tema “Por Terras de Almonda”, o que interessa sobretudo não é só a história evolutiva da terra, mas também alguns aspetos sobre os períodos geológicos e climáticos que enquadraram, ao longo do tempo, os diferentes pontos turísticos.

Dessa forma, pegando na rocha dura, principal composto da terra, podemos associá-la à nossa Serra d´Aire. A rocha é, de facto, o elemento predominante em toda a sua paisagem. É um tipo de rocha maciça e calcária, consequente dos movimentos tectónicos da crosta terrestres que fizeram com que as placas emergissem e originassem a serra. Como anteriormente foi referido, é uma serra fria e muito cinzenta.

Se o objetivo é seguir uma linha cronológica, é importante que a pedra seja o ponto de partida, pelo facto de fazer parte do nosso mundo desde o início, pelo que o próximo monumento a visitar seria as Pegadas dos Dinossauros.

No parque natural, podemos visitar os trilhos de pegadas que os mais velhos habitantes da terra deixaram cravadas numa antiga pedreira situada ainda na Serra d´Aire.

Para além dos trilhos, o parque tem patente uma exposição onde retrata todo um trajeto de vida destes animais e, sempre que é visitado por grupos, organiza atividades lúdicas para entreter e ajudar a compreender mais sobre a sua história.

Com o avançar da cronologia, podemos afirmar que vamos entrar no período onde surgiu o homem, e para o ilustrar nada melhor que referenciar os Abrigos da Fórnea. Estas cavernas foram esculpidas pelos cursos de águas, que rodopiavam dentro destas cavidades

formando e transformando-as em abrigos e locais de apoio onde os povos se abrigavam das grandes chuvadas, sobretudo no tempo da caça. Sendo locais altos e escondidos no meio da vegetação, proporcionavam-lhes boas condições de visibilidade e proteção dos animais selvagens ou de qualquer outro tipo de perigo.

É importante salientar que não é só nesta freguesia que se podem encontrar vestígios desses povos, uma vez que o museu municipal está repleto de artefactos encontrados por todo o concelho.

A próxima descoberta será a aldeia de Assentiz. Nesta freguesia é visível um dique que foi construído pelos romanos junto da ribeira da Beselga. Ao longo do tempo, toda a natureza se tem vindo a apropriar desta magnífico local místico, mágico e maravilhoso, delineando trilhos por entre a sua floresta fechada que o homem tende a explorar. Algumas lendas são associadas àquele lugar, uma das principais e mais conhecidas é a lenda da Cidade de Concórdia, já anteriormente referida.

Falamos em romanos e visto que eles andaram por cá algum tempo, vamos falar da origem de Torres Novas que permanece ainda no segredo dos deuses, e muito se fala sobre a sua verdadeira lenda.

No centro desta modesta cidade portuguesa, ergue-se num morro um altivo castelo, onde muitas batalhas se concretizaram e muitas gentes perderam a vida. É um monumento simples de construção circular e recentemente rejuvenescido, possui doze torres e um fosso que dá acesso ao exterior do castelo. No seu interior, existe um agradável e harmonioso jardim com um relógio de sol em posição central, onde as árvores convidam a descobrir as muralhas que se escondem por detrás dos arvoredos.

Com a continuação da cronologia, iria ser referenciada a Villa Cardílio, principal vila romana no concelho e, sucessivamente na mesma linha de pensamento e de textos, os restantes monumentos: Grutas das Lapas, Casa Humberto Delgado, Museu Agrícola dos Riachos e por fim Paúl do Boquilobo.

Para a abordagem deste tema, o importante é reter que o tipo de turista que teria disponibilidade para o fazer seria aquele que procura conhecer as verdadeiras raízes

históricas, não se importando de fazer mais que uma resumida visita à cidade, mas usufruindo de um tempo satisfatório para tal.

Para que isso resulte estão a ser criados meios e trilhos devidamente explícitos para permitir que o turista tenha acesso a todos os lugares, com rotas e percursos à sua medida, onde não se sinta perdido e possa ser apoiado em qualquer dúvida ou questão.

No campo fotográfico, o que se pretendeu foi criar linhas condutoras entre as imagens de forma a ligar estes períodos entre si, sem fugir demasiado do factor principal. Nesta abordagem específica era necessário aliar a paisagem ao desprendimento dos restantes monumentos, conseguir equilibrar e contrapor os lugares amplos e fechados ao desnues e ausentes de paredes.

Procurava-se uma linguagem abrangente que atingisse o maior número de pessoas e que permitisse comunicar sem necessitar de linhas de texto. Há que promover a linguagem do pensamento e fazer jogos de associações ao observador. É evidente que essa informação vai existir, mas numa fase de pesquisa e exploração do local.

Para que isso resulte é necessário criar imagens que façam repensar e que obriguem o observador a compreender o valor simbólico que a imagem tem para representar o que a rodeia, de forma a criar no observador uma percepção do território. O estilo gráfico escolhido para a colocação das imagens é visível no anexo III.

Todas as fotografias realizadas serão utilizadas no novo site que a Câmara esta a construir, assim como irão ser introduzidas nos novos guias e panfletos que vão ser redesenhados. As paginações que correspondem a estas duas visões de Torres Novas encontram-se incorporas no anexo III.

A nova forma como as imagens foram revistas, foi a peça fundamental para que se pudesse desenvolver o que será o projeto apresentado sobre Torres Novas.

Depois de uma análise de todas as imagens tiradas, pode-se concluir que o trabalho que desenvolvi reflete sobretudo a minha relação com a paisagem e com o território que

me rodeava, sendo, por isso, muito mais que uma mera reportagem que visa ilustrar o património do concelho.

Esta nova visão que foi retirada do trabalho, veio a confirmar que não só podia ser um guia turístico, um livro de monumentos, um caderno de apontamentos, mas principalmente um arquivo perceptual da múltipla história e lugares que nos rodeiam diariamente e que pelo facto de serem vistos e revistos inúmeras vezes acabam por perder o seu carisma, passando a ser considerados locais banais de pouco interesse, quando na verdade neles há sempre algo novo e inesperado para se ver ou descobrir.

CAPITULO IV- Procedimentos e metodologias abordadas para a conclusão do projeto Torres Novas.

4.1- Caminho abordado no âmbito da finalização do projeto Torres Novas, como a metodologia abordada.

Desde o início do trabalho, que o objetivo principal sempre foi criar um conjunto de imagens, que de uma forma geral e clara ilustrassem a cidade de Torres Novas na vertente do turismo.

No período dos oito meses de estágio, esse trabalho foi construído e desenvolvido face a falta de meios de divulgação da cidade, no que resultou as obras do Capítulo III, onde os principais monumentos ganharam uma nova imagem, vida, contexto e permitiu deixar as bases para que num futuro próximo, sirvam de estrutura à concretização de algo real.

Mas a ambição de ser mais que isso, conduziu a uma nova abordagem das imagens e a um olhar especial sobre os objetos recolhidos nas diversas saídas de campo. Não se pretende produzir mais imagens porque já há imagens suficientes e acabaria por se transforma num trabalho repetitivo.

Pretende-se refletir sobre a aliança entre o espaço urbano em ligação com a paisagem; sobre a memória e a perceção do que existe e como chegou até nós; sobre a visão que temos dos locais em oposição à idealização que criámos no nosso imaginário das narrativas do passado.

Se o objetivo é entender como o passado se conserva e se liga com o presente, é preciso criar leituras despercebidas, falas sintéticas e formas inconscientes que articulam a perceção com a memória.

“Era o projeto mais ambicioso de Warburg, que pretendia estabelecer "cadeias de transporte de imagens", linhas de transmissão de características visuais através dos tempos, que carregariam consigo o pathos, emoções básicas engendradas no nascimento da civilização ocidental, nessas imagens.”

(Georges Didi-Huberman,2011)

Como no trabalho de Aby Warburg entendemos que ele procurava direcionar as múltiplas possibilidades da arte de forma a construir uma história sem textos em fusão com o intervalo de tempo. A imagem é peça determinante para podermos pensar que a organização das mesmas corrompe o espírito de pensamento.

Pegando um pouco no trabalho de Warburg, pretende-se então, criar composições associativas de múltiplos contextos procurando desmontar a história, para que depois se possa “estabelecer cadeias de transporte de imagens”, criando um arquivo patente, na memória dos elementos inseridos nas composição com os objetos reais.

As imagens associadas são organizadas numa linearidade temporal, pelo carácter emotivo e por se tornarem parte de um imaginário. Apelar a compreensão do processo de criação da obra, partindo do pressuposto que uma imagem viaja por vários campos sem necessitar de uma conexão de contextos.

Depois de algum tempo a observar as imagens e a criar linhas de articulação entre elas, é visível que são imagens díspares, que se podem associar pelos elementos figurativos, pela estética, pelos enquadramentos, cores, contextos, história, etc. Basta não fechar a imaginação e criar uma história entre elas.

Todos nós temos conceitos e formas de pensar que foram inculcadas por experiências e por valores adquiridos desde pequenos, que nos permitem atribuir diferentes analogias ao que observamos com o que nos é mostrado.

O passado não se pode confinar obrigatoriamente a um tempo anterior, porque acaba por estar sempre presente sem que o possamos apagar ou modificar. Nem pode ser sempre ilustrado por imagens belas, onde se preserva a harmonia dos elementos.

Tem de se transpor o clima, a frieza dos materiais, o rasto das estações, evitando guiarmo-nos apenas pelo que o olho capta nos primeiros instantes, mas procurando passar essa barreira invisível do real para nos envolvermos nas texturas, nos pormenores e nos elementos que constituem as imagens.

Nesta fase do projeto, evitou-se fugir aos modelos estandardizados que a sociedade assim impõem, e ir ao encontro do aceitável. Deixou-se de lado os cânones que diziam que uma imagem deve respeitar determinadas regras e procurou-se ir ao encontro das mesmas.

Uma imagem por si mesma, pode ter uma grande impacto e pode mover opiniões, mas quando associada a outras permite criar varias analogias, composições e linhas de pensamento lineares e ao mesmo tempo complexas.

Como Walter Bejamin defende, a natureza que é vista pelos nossos olhos, não é mesma que é captada através de uma câmara fotográfica, pois este processo cria um espaço entre o homem e o local, transpondo para ele duas visões diferentes: a de ato consciente quando observa as imagens e a inconsciente, quando age por impulso ou por emoção, ao que se está a ver e a viver em momento real.

Este agir por impulso cria uma memória construtora da identidade do local, ou simplesmente indicadora da existência do mesmo, quando exposto a imagens esteticamente iguais.

Quando assumo para mim a desejo de construir um arquivo de memória da história confinada ao período de trabalho realizado, é como se me apropriasse a um conjunto de imagens anteriormente tiradas, em diferentes períodos, remontando à minha memória particular para construir associações referentes às emoções e sensações que tive quando fotografei determinado local ou às imagens que encheram a minha mente, quando entrei em contacto com o território.

Essa ideia de remontar a experiência dos oito meses de trabalho, a algo físico e concreto, acabava por fechar o trabalho, e nesta fase pretende-se abrir a porta para o mundo, dar a conhecer o saber adquirido, os resultados e a as múltiplas formas de o exibir.

Procurou-se um corpo sólido com uma linha condutora das várias etapas, e foi neste campo, que surgiu a ideia de criar o esboço de uma exposição sobre o trabalho, que não é nada mais que o próprio trabalho final.

A junção das imagens com os objetos recolhidos nos diversos tempos, criam contos imaginários e forçam a nossa mente a recorrer ao passado para enquadrar os mesmos.

Para este arquivo, o material físico recolhido foi:

- antigos mapas e cartas militares;
- objetos arqueológicos e geológicos;
- fotografias impressas;
- provas de contacto;
- pequenos animais recolhidos,
- flores, ervas e sementes.

Estes objetos encontram-se associados a dois diferentes estados dos elementos, o físico e o temporal, sempre presentes desde o início do trabalho até à sua conclusão.

O corpo da exposição, que na realidade se traduz na recolha e reunião dos objetos de trabalho, encontra-se dividido em três partes: na primeira, podemos ver os textos pesquisados, mapas antigos, imagens e postais, enfim a procura da verdade e o remontar às origens. Na segunda, encontramos as imagens direcionadas para o trabalho desenvolvido no estágio que girou em torno dos monumentos que o concelho tem. Por último, descobrimos imagens organizadas consoante grupos de trabalho, que foram surgindo no percurso de saídas de campo, onde se deixou de lado a vertente objetiva do património, e se procurou a vertente artística e autoral, de forma a explorar mais que o belo, a realidade em que se vive, o jogo de formas e conceitos que encontramos e podemos associar em diferentes modos, numa desconstrução e associação de histórias. Neste último, podemos ainda ver presentes alguns objetos que foram recolhidos e descritos nas entrelinhas anteriores, organizados pelas formas, pelas texturas e pelas conotações inerentes.

Este núcleo de imagens num primeiro instante vai estar organizado numa determinada forma, onde vai estar subjacente o processamento da história e o autoconhecimento, numa fase de memória consciente, onde se procura desvendar partes do imaginário popular e criar associações e analogias lógicas e temporais dos locais com os objetos recolhidos.

Esta porção de acontecimentos mistura-se com a quebra do passado, numa procura de fragmentos, uma nova identidade em que o passado se mistura com o presente.



Figura 11- Exemplo da possível disposição das imagens

A ideia da procura da desconstrução da história, traduz-se posteriormente, na análise de cada pessoa perante a observação do trabalho, isto é, o núcleo de imagens está organizado numa fase inicial de determinada maneira. Mas quando visualizadas por outros, essas imagens poderão sair do seu grupo consoante a própria construção pessoal da pessoa que está a ver.

De uma forma muito resumida, no anexo IV, vai estar representada a ordem em que elas vão estar dispostas, juntamente com alguns objetos expostos nas mesas.

Como o trabalho vai ser em primeiro lugar visualizado pelos diversos membros do júri, tal facto permitirá que eles próprios construam a sua ordem, consoante o que apreenderam da sua leitura, criando uma espécie de puzzle pessoal.

A exposição estará organizado em três núcleos:

1. Arquivo,
2. História,
3. Outra forma de ver Torres Novas.

Todos eles estão ligados entre si, porque cada um acaba por complementar o outro e, através da organização das imagens, podemos ver a sua transição.

A base do agrupamento das imagens baseia-se na ideia de um atlas e de um arquivo de imagens que, em conjunto, contam uma narrativa. Ao mesmo tempo, o facto das mesmas não estarem realmente divididas por grupos físicos, apela o observador a criar esse mesmo atlas através da sua memória, percepção e a conseguir ligar as imagens apresentadas por grupos, reunindo-as também de forma pessoal, graças à sua imaginação estimulada através da observação das fotografias e da leitura deste relatório.

No núcleo de Arquivo, vai estar representado todo o processo de análise, pesquisa, bem como o remontar às origens e a definição dos limites. Neste campo, é visível sobretudo a origem de todo o processo criativo.

Na História, é visível o reunir de todo o trabalho de estágio, o reconhecimento da construção da realidade em que vive o concelho de Torres Novas, nos seus principais monumentos. E este poderá ser o conjunto mais repetitivo devido ao facto de todo o processo ter andado à sua volta.

Por fim chega o núcleo mais artístico e mais autoral, a visão de alguém que vê no concelho mais que meras paisagens bonitas dignas de postais, mas que procura redescobrir as suas origens, explorando o jogo de sombras, de linhas, o abandono e a falsidade que existe nesta linha de tempo.

São imagens mais introspetivas, que apelam o observador a procurar as conotações que existem entre elas e os objetos recolhidos, num jogo de memória e desconstrução da imagem como da realidade.

Para sustentar a credibilidade dos mesmos, numa mesa vão estar outros pormenores, como livros, guias, provas de contacto e uma caixa de arquivo para ilustrar e sustentar todo o processo criativo.

Este projeto é possível pelo facto de, através da análise do real, transposto para o arquivo, ser visível a libertação do passado e o desapego das tipologias, onde a harmonia, a calma e o equilíbrio do que está para além das quatro paredes, para além do físico e do concreto.

Podemos viajar pelo nosso inconsciente, libertando a mente e traspondo o espaço existente entre nós e o que nos rodeia, passando a barreira da imagem e entrando dentro do próprio enquadramento.

No final desta abordagem são notórias as conotações existentes entre as imagens e os objetos recolhidos no trabalho de campo, que nos remetem para o mundo consciente.

No total foram escolhidas 45 imagens, que posteriormente vão ser impressas em papel Epson Singleweight Matte Paper e colocadas em pequenas embalagens transparentes de arquivo. No geral, as imagens vão ter cerca de 9x13 cm, sendo que as algumas serão evidenciadas com um tamanho de 15x20 cm.

Essas imagens vão ter uma ordenação específica que pode ser vista no anexo IV, instigando cada observador a organizá-las de uma forma mais intuitiva e a conjugá-las de diferentes formas.

Os objetos vão respeitar as características das imagens, ligando-se ao seu conjunto, como se de um puzzle tratasse. Alguns deles vão estar colocados numa mesa central, colocados dentro de uma caixa de exposição.

Esta aliança entre as imagens e os objetos reais, apela à interpretação, consciente e inconsciente do observador, procurando múltiplos contextos na junção da cidade com o abandono da mesma, e obrigando a recorrer a vários intervalos de tempo da memória para analisar as associações temporais existentes em todo o trabalho.

Conclusão

Não poderei dizer que o trabalho se encontra concluído a cem por cento, porque é um trabalho de recolha, arquivamento, posicionamento de imagens e análise de objecto reais.

Todos os dias se descobrem analogias e interpretações diferentes de assuntos tão simples e complexos que iram sempre requerer especial atenção, Porém, relativamente ao trabalho estipulado para este projeto, as bases ficaram definidas para que se continue com o mesmo.

Todos os achados teóricos foram enriquecedores; o saber nunca ocupa lugar nem memória, muito pelo contrário, cultiva o homem, proporcionando-lhe uma paz de espírito que não é fácil de descrever. Com este trabalho, pude descobrir recantos maravilhosos do concelho de Torres Novas e descobrir a verdadeira história de um povo simples, modesto e humilde, que sempre teve disposto a ajudar dentro dos seus meios.

Para além de me permitir a descoberta biográfica de uma cidade, o estágio realizado na Câmara de Torres Novas, permitiu-me ainda colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos ao longo dos sete anos de ensino na vertente da fotografia.

Nada melhor do que ganhar experiência, partilhar ideias e conhecimentos. Foi muito importante, lançar as bases que no futuro permitirão o desenvolvimento publicitário do turismo no concelho de Torres Novas.

Mas também é importante referir que o caminho nem sempre foi fácil. Houve que transpor muita burocracia e desconfiança! Para obter resultados, é necessário haver espaço de trabalho, liberdade e sobretudo planos devidamente definidos. Não podemos dar-nos ao luxo de pensar que por alguém vir “ajudar no trabalho” tem de fazer o trabalho de secretária dos mesmos, sem pensar que é necessário que existem saídas de campo para reconhecimento do mesmo.

Não podemos pedir que as pessoas sejam obrigadas a utilizar imagens de outros devido à falta de tempo para acompanhar o estagiário aos locais. E muito menos andar a perder tempo com o facto de hoje fazermos uma coisa e amanhã, sem ver os resultados ,

esquecer o que foi realizado e fazer algo totalmente diferente, sem pensar nas condicionantes.

Num departamento de turismo é necessário que, ao nível de produto, haja uma base de dados devidamente criada e atualizada, para que os clientes obtenham facilmente as melhores informações e referências.

No campo da imagem, se se pretende vender um produto não se pode mostrá-lo e publicitá-lo com imagens tiradas há dez anos atrás e de fraca qualidade. Dessa forma só se consegue mostrar a falta de profissionalismo e de competência.

Desabafos à parte, este estágio foi, no geral, uma etapa de vida muito enriquecedora, não só ao nível profissional, mas também pessoal, onde pude analisar a minha trajetória e compreender realmente qual a minha vertente artística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CORREIA, Dr. António e Dr. António Sérgio - Grande enciclopédia portuguesa brasileira, vol. 32, Capítulo TOMAR-TRIST;
2. CAROSO, Padre Luís (1978) - Dicionário Geográfico Notícia História D. João V;
3. GONÇALVES, Artur (1937)-Memórias de Torres Novas, 2ª Edição 1990, Câmara Municipal de Torres Novas;
4. SANTOS, António - Torres Novas nos finais do Sec. XIX, 1994,CMTN
5. ALVES, Augusto Durão -Torres Novas ontem e hoje (monografia), 1942, arquivo municipal
6. GARCIA, Carlos (2008) - Torres Novas,Gabinete de estudos e planeamento editorial, Câmara Municipal de Torres Novas;
7. SOARES, Manuel Inez (1972) - História, Arte e Turismo, CMTN;
8. LOPES, João Carlos, (1987) - Roteiro do concelho de Torres Novas, João Carlos Lopes, CMTN;
9. MATOSO, Luis Montes (2008) - Memórias para a História da Vila de Torres Novas, Câmara Municipal de Torres Novas;
10. LOPES, João Carlos, (1998) -Torres Novas e o seu termo no século XVIII, dissertação de doutoramento, publicada pela Câmara Municipal de Torres Novas;
11. Gabinete de Estudos e planeamentos editorial (2004) -Retratos da aldeia, fotografias antigas de Lapas, CMTN;
12. GAMEIRO, Saul A. Roque (2012) -Serra de Aire e Candeeiros, CMTN;
13. FERREIRA, Joaquim - Grutas artificiais da Quinta das Lapas, Ferreira, Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa;
14. PEREIRA, Fernando Faria (2009) - Paisagem da Pedra: Serra de Aire e Candeeiros,CMTN;
15. RODRIGUES, António - Plano de Estratégia de Desenvolvimento de Torres Novas no horizonte 2015,CMTN

Arquivo fotográfico :

- CMTN_AHMTN_ARQFOT_133
- CMTN_AHMTN_ARQFOT_502
- CMTN_AHMTN_ARQFOT_1370

Revistas:

1. VASCONCELOS, Padre Inácio Piedade - Monografias Párocos da região de Torres Novas;
2. COELHO, Maria Helena (1992), O concelho de Torres Novas em tempos de crescimento e consolidação de um reino, Revista Nova Augusta;
3. CARREIRA, Júlio M. Roque (1989) -A necrópole megalítica das Lapas, 1989, Revista Nova Augusta;
4. SOUTO, João Pedro (1990) O paleolítico inferior na região de Torres Novas, Revista Nova Augusta;
5. SILVA, Alberto (1992)- Rio Almonda: Herança da Natureza que o Homem teima em destruir, Revista Nova Augusta;
6. SOUSA, Jorge Manuel (1986), Os elementos de Vila Cardilio, Revista Nova Augusta.
7. SANTOS, António Mário (1907-1910) , Caracterização do concelho de Torres Novas pela sua imprensa 1907-1910, Revista Nova Augusta nº6;

Publicações na internet :

- ❖ http://purl.pt/13938/3/hg-2542-v/hg-2542-v_item3/index.html#/18
- ❖ <http://www.guiadacidade.pt/pt/concelho-torres-novas-19-14>
- ❖ <http://digitarq.adstr.arquivos.pt/details?id=1005105>
- ❖ <http://www.memoriaportuguesa.com/historia-de-torres-novas>
- ❖ <http://www.icnf.pt/portal/turnatur/visit-ap/rn/rnpb>
- ❖ http://pt.wikipedia.org/wiki/Reserva_Natural_do_Paul_do_Boquilobo

Anexos I



CMTN_AHMTN_ARQFOT_8...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_4...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_4...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_5...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_5...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_5...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_5...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_5...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_5...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_5...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_6...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_6...



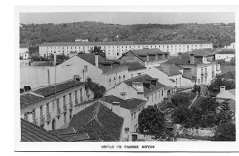
CMTN_AHMTN_ARQFOT_7...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_9...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_9...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_9...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_9...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_9...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_9...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



CMTN_AHMTN_ARQFOT_1...



img003.jpg



img007.jpg



img008.jpg



img012.jpg



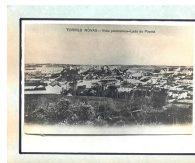
img016.jpg



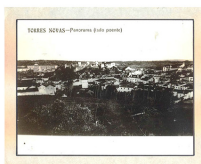
img017.jpg



PT_CMTN_EspPart_JRS_AR...



PT_CMTN_EspPart_JRS_AR...



PT_CMTN_EspPart_JRS_AR...



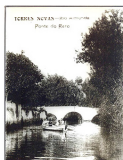
PT_CMTN_EspPart_JRS_AR...



PT_CMTN_EspPart_JRS_AR...



PT_CMTN_EspPart_JRS_AR...



PT_CMTN_EspPart_JRS_AR...



PT_CMTN_EspPart_JRS_AR...



PT_CMTN_EspPart_JRS_AR...



PT_CMTN_EspPart_JRS_AR...

Anexos II



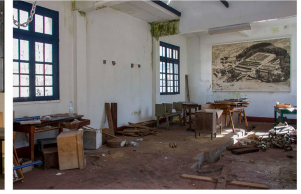
Grupo II- Castro.JPG



Grupo II- Fabrica Fiação_1.JPG



Grupo II- Fabrica Fiação_2.JPG



Grupo II- Fabrica Fiação_3.JPG



Grupo II- Fabrica Fiação.JPG



Grupo II- Fornea_1.JPG



Grupo II- Fornea.JPG



Grupo II- Olaia_1.JPG



Grupo II- Olaia_2.JPG



Grupo II- Olaia_3.JPG



Grupo II- Olaia.JPG



Grupo II- Quinta Marques_1.JPG



Grupo II- Quinta Marques_2.JPG



Grupo II- Quinta Marques.JPG



Grupo II- Rio Cidade_1.JPG



Grupo II- Rio Cidade_2.JPG



Grupo II- Rio Cidade_3.JPG



Grupo II- Rio Cidade_4.JPG



Grupo II- Rio Cidade.JPG



Grupo II- Salvador, Misericordia,Vale_1.JPG



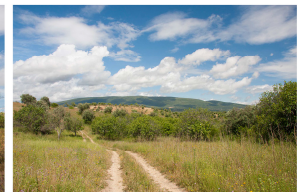
Grupo II- Salvador, Misericordia,Vale_2.JPG



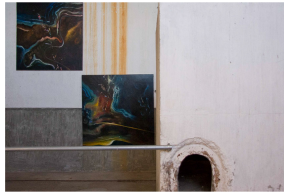
Grupo II- Salvador, Misericordia,Vale.JPG



Grupo II- Serra_1.JPG



Grupo II- Serra.JPG



Grupo I- Brogueira Distilaria_1.JPG



Grupo I- Brogueira Distilaria_2.JPG



Grupo I- Brogueira Distilaria.JPG



Grupo I- Meia Via_1.JPG



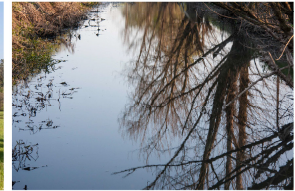
Grupo I- Meia Via_2.JPG



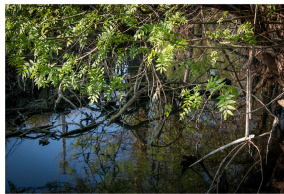
Grupo I- Meia Via_3.JPG



Grupo I- Meia Via.JPG



Grupo I- Paul Boquilobo_1.JPG



Grupo I- Paul Boquilobo_2.JPG



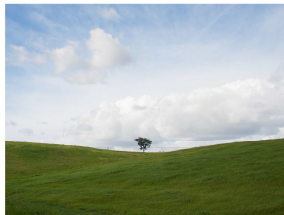
Grupo I- Paul Boquilobo_3.JPG



Grupo I- Paul Boquilobo_4.JPG



Grupo I- Paul Boquilobo.JPG



Grupo I- Riachos_1.JPG



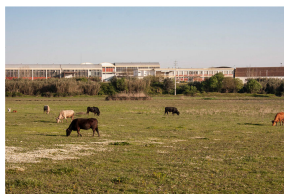
Grupo I- Riachos_2.JPG



Grupo I- Riachos_3.JPG



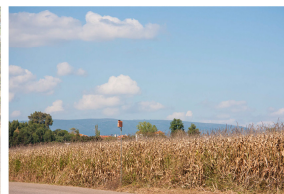
Grupo I- Riachos_4.JPG



Grupo I- Riachos_5.JPG



Grupo I- Riachos_6.JPG



Grupo I- Riachos_7.JPG



Grupo I- Riachos_8.JPG



Grupo I- Riachos_9.JPG



Grupo I- Riachos_10.JPG



Grupo I- Riachos.JPG



Grupo II- Castro_1.JPG



Grupo II- St Maria, Salvador_1.JPG



Grupo II- St Maria, Salvador.JPG



Grupo II- Villa Cardillo_1.JPG



Grupo II- Villa Cardillo_2.JPG



Grupo II- Villa Cardillo.JPG



Grupo III- Azulada.JPG



Grupo III- beselga_1.JPG



Grupo III- beselga_2.JPG



Grupo III- beselga_3.JPG



Grupo III- beselga_4.JPG



Grupo III- beselga.JPG



Grupo III- Hortas.JPG



Grupo III- Lapiás e Polje_1.JPG



Grupo III- Lapiás e Polje_2.JPG



Grupo III- Lapiás e Polje.JPG



Grupo III- Moinhos_1.JPG



Grupo III- Moinhos_2.JPG



Grupo III- Moinhos.JPG



Grupo III- Pedreira Espanhol_1.JPG



Grupo III- Pedreira Espanhol_2.JPG



Grupo III- Pedreira Espanhol_3.JPG



Grupo III- Pedreira Espanhol.JPG



Grupo III- Pedrogão_1.JPG



Grupo III- Pedrogão_2.JPG



Grupo III- Pedrogão_3.JPG



Grupo III- Pedrogão.JPG



Grupo III- Pegadas Dinossauros_1.JPG



Grupo III- Pegadas Dinossauros_2.JPG



Grupo III- Pegadas Dinossauros_3.JPG



Grupo III- Pegadas Dinossauros.JPG



Grupo IV- Campos Rio_1.JPG



Grupo IV- Campos Rio_2.JPG



Grupo IV- Campos Rio_3.JPG



Grupo IV- Campos Rio.JPG



Grupo IV- Lapas Vila_1.JPG



Grupo IV- Lapas Vila_2.JPG



Grupo IV- Lapas Vila_3.JPG



Grupo IV- Lapas Vila.JPG



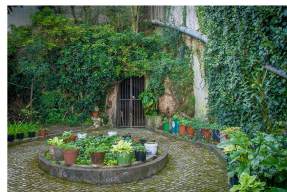
Grupo IV- Lapas_1.JPG



Grupo IV- Lapas_2.JPG



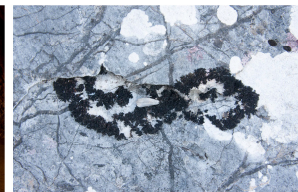
Grupo IV- Lapas_3.JPG



Grupo IV- Lapas_4.JPG



Grupo IV- Lapas.JPG



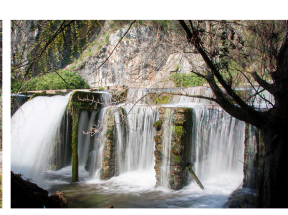
Grupo IV- Nascente_1.JPG



Grupo IV- Nascente_2.JPG



Grupo IV- Nascente_3.JPG

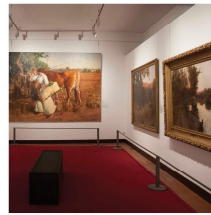
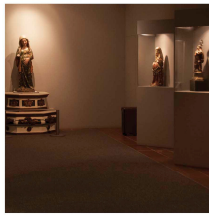
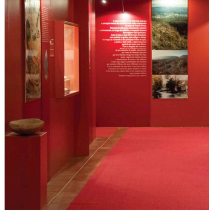


Grupo IV- Nascente_4.JPG

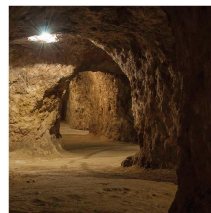
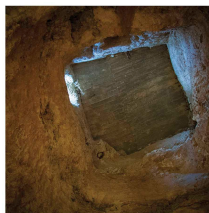
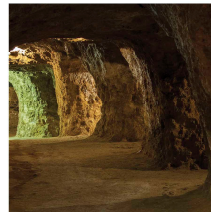


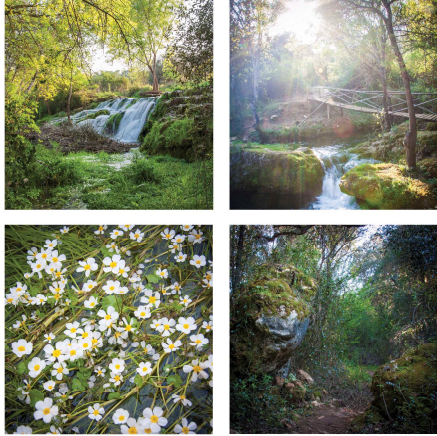
Grupo IV- Nascente.JPG

Anexos III



"A história é testemunha do passado,
luz da verdade, vida da memória,
mestra da vida,
anunciadora dos tempos antigos."





"A natureza é o único livro que oferece
um conteúdo valioso,
em todas as suas folhas"



Anexos IV

